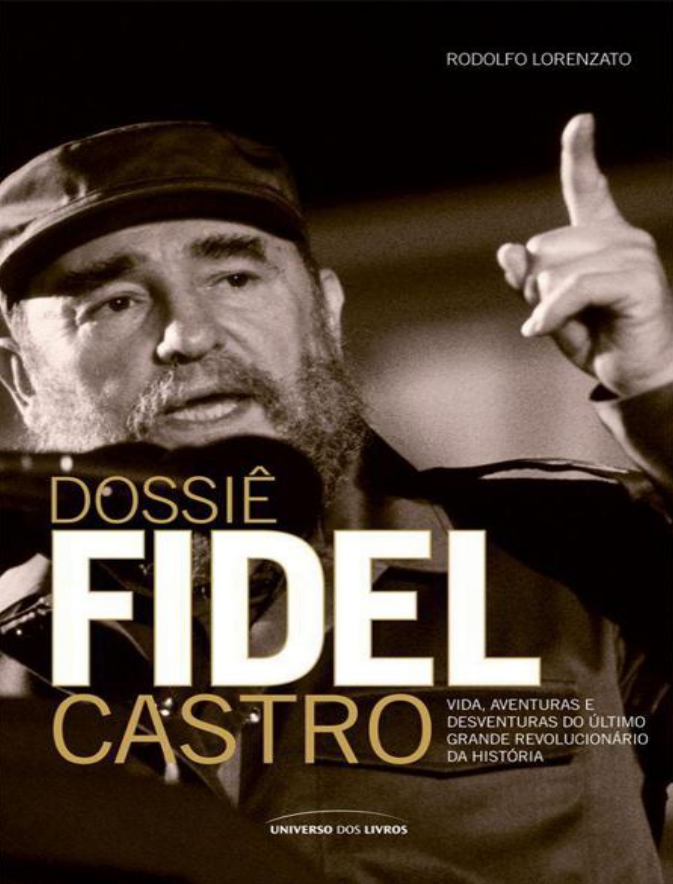




RODOLFO LORENZATO

DOSSIÊ

FIDEL

CASTRO

VIDA, AVENTURAS E
DESVENTURAS DO ÚLTIMO
GRANDE REVOLUCIONÁRIO
DA HISTÓRIA

UNIVERSO DOS LIVROS

RODOLFO LORENZATO

DOSSIÊ FIDEL CASTRO



Universo dos Livros Editora Ltda.

Rua Tito, 1.609

CEP 05051-001 • São Paulo/SP

Telefone: (11) 3648-9090 • Fax: (11) 3648-9083

www.universodoslivros.com.br

e-mail: editor@universodoslivros.com.br

© 2009 by Universo dos Livros

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998.

Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

Diretor Editorial

Luis Matos

Editor

Tadeu Carmona

Assistência Editorial

Aracelli de Lima

Carolina Evangelista

Renata Miyagasku

Preparação dos Originais

Fernanda Batista dos Santos

Revisão

Guilherme Laurito Summa

Projeto Gráfico

Daniele Fátima

Diagramação

Cláudio Alves

Fabiana Pedrozo

Stephanie Lin

Capa

Daniel Brito

Foto da Capa

© Jean Louis Atlan/Sygma/Corbis

L869d Lorenzato, Rodolfo.

Dossiê Fidel Castro / Rodolfo Lorenzato.
– São Paulo : Universo dos Livros, 2009.
112 p.

ISBN 978-85-99187-96-8

1. Castro, Fidel (1926-). 2. Cuba (História).
3. Cuba (Revolução, 1959). I. Título.

CDD 923.1

I

Escravo do povo

Em uma pequena ilha do Caribe um homem grande e barbudo travou uma batalha de quase meio século contra forças muito maiores que ele. Venceu?

Desafiar os interesses dos Estados Unidos da América, o país mais rico e poderoso do mundo, não parece ser uma atitude sensata. Poucos hoje em dia são capazes de desafiá-los a ponto de criar algo maior que um constrangimento internacional e, mesmo dentre esses poucos, não há nenhum que tenha chegado perto da ameaça representada por uma ilha e por seu comandante-em-chefe. Durante 49 anos, Fidel Castro foi bem mais que uma pedra no sapato americano, foi um adversário voraz, sempre bradando contra o *american way of life* e disposto a morrer defendendo seus ideais. Fidel e sua revolução ousaram provocar nos campos filosófico, esportivo, cultural e até militar o vizinho gigante que antes tinha em Cuba uma mera estância veraneia, extensão de seu território.

Apenas por isso já seria fascinante conhecer a história desse homem, mas isso é somente uma fração do que se esconde por trás desse líder tão controverso. Estamos diante de uma das personalidades mais influentes e importantes do século XX. É difícil encontrar alguém que fique indiferente ao escutar o nome Fidel Castro. Sua personalidade forte, as medidas duras e o histórico conturbado polarizam opiniões de uma forma que poucos outros líderes conseguem. É verdade que sua imagem se desgastou com o tempo, a aura de guerrilheiro romântico, imortalizada na figura de Che Guevara, foi substituída pela de líder austero e centralizador. As notícias se sobrepõem e as que ficam gravadas na memória das pessoas são as mais recentes.

Se algum entrevistador perguntar em qualquer país do mundo um exemplo de herói revolucionário, provavelmente teremos Fidel Castro como uma das cinco respostas mais citadas e, se esse mesmo entrevistador perguntar um exemplo de ditador implacável, é bem provável que tenha a mesma resposta. Isso acontece devido às diferentes visões de seus atos e como eles são divulgados, especialmente após começar a governar Cuba e talvez seja, efetivamente, resultado de sua trajetória política.

Quando surgiu triunfante nas ruas de Havana em 08 de janeiro de 1959, após a improvável vitória na Revolução Cubana, Fidel era um líder carismático, ovacionado pela multidão em Cuba e despertava a curiosidade e o interesse internacional. Quarenta e nove anos depois, ao deixar o governo para tratar da saúde, não só seu corpo sucumbiu, mas sua imagem também não resistiu ao

tempo, sofrendo um desgaste de anos comandando à mão de ferro uma ilha literalmente ilhada. Conservou, entretanto, especialmente em Cuba, uma legião de seguidores que ainda estariam dispostos a dar a vida por seu líder.

A forma como Fidel implantou sua experiência socialista em Cuba municiona tanto seus defensores quanto seus opositores com informações usadas das mais variadas maneiras. Em alguns aspectos não há consenso, mas em outros parece haver uma concordância com grande parte das informações a respeito de Fidel, porém com olhares e pesos muito diferentes.

Para seus defensores, Fidel foi um estadista corajoso que chegou ao poder por meio de uma luta justa, combatendo de maneira heroica e épica todo o tipo de injustiça e exploração a que Cuba estava sujeita. Foi capaz de implantar mudanças profundas na sociedade cubana, sem se curvar ao império capitalista que usava a ilha como “estância de férias particular” e submetia o povo cubano a suas vontades. Priorizou a saúde e educação do povo, sem discriminar classes sociais, valorizou o cidadão comum e ideais nobres, propiciou acesso à cultura e aos esportes e conseguiu levar a ilha a indicadores sociais de primeiro mundo, destacando-se dos vizinhos caribenhos e latino-americanos. O apoio da maioria do povo cubano legitima os atos de seu governo.

A grande maioria dos problemas cubanos, ainda no entendimento de seus admiradores, advém do embargo econômico imposto pelos Estados Unidos, o que priva a ilha de uma série de produtos essenciais a seu bom funcionamento. A rigidez do regime é necessária para impedir que o capitalismo corrompa a estabilidade adquirida. Cuba (especialmente Havana), era conhecida como uma ilha de belas praias e cassinos, repleta de prostitutas e voltada, exclusivamente, para o entretenimento norte-americano. A imagem do povo cubano estava denegrida e maculada, mas, após Fidel, Cuba passou a se ver como uma nação orgulhosa de suas conquistas, do valor de seu povo e da determinação de seu comandante-em-chefe.

Para seus opositores, Fidel não passou de um ditador tirano que se aproveitou de um regime ilegítimo para perpetuar outro ainda mais repressivo ao sofrido povo cubano. Colocou o país na contramão do progresso, sucutando a indústria e os meios de produção, impondo à população um racionamento de bens primários e essenciais. Centralizando todo o poder em suas mãos, na forma de um partido único, impediu o crescimento e a consolidação de estruturas democráticas e de qualquer oposição.

O embargo norte-americano, ainda na visão dos seus críticos, nada mais é que uma resposta natural ao enfrentamento irresponsável promovido pelo ditador aos Estados Unidos e os poucos avanços na área de medicina, saúde e esporte se devem ao fato de receber uma vultuosa “mesada” da União Soviética. É chamado de assassino e déspota por eliminar os seus opositores internos e por censurar todos e quaisquer meios de comunicação que não estejam de acordo

com sua linha de raciocínio. Seus críticos entendem que a ilha era uma das mais desenvolvidas da região à época da revolução, alinhada com o desenvolvimento norte-americano e hoje apresenta os piores índices quando se analisa o bem-estar do cidadão.

Ao se observar apenas os fatos, pode-se chegar a uma opinião um pouco menos radical tanto de um lado quanto de outro. É inegável que Fidel Castro revolucionou o governo de Cuba e elevou a autoestima do povo cubano, assim como inegáveis são as conquistas sociais, como taxa de analfabetismo próxima a zero, baixo índice de mortalidade infantil, longa expectativa de vida, o menor número de casos de AIDS *per capita* no mundo, entre outros. Também não se pode negar que Cuba tem o menor número de aparelhos celulares e de acesso à Internet no mundo, que faltam itens básicos ao povo, que a produção de açúcar, principal fonte de renda do país, vem sofrendo consecutivas quedas ano a ano e outra série de problemas estruturais que poderiam ser levantados.

As histórias de Fidel e de Cuba se fundem a partir de 1953, seis anos antes de chegar efetivamente ao poder e hoje não se pode dissociar facilmente uma da outra, tamanha a mudança em ambas. Não existe no mundo moderno outro governante que tenha tido tamanha identificação com seu país, não existiu nenhum que tenha exercido tanta influência sobre seu povo por tanto tempo. Acusado, por alguns, de escravizar os cubanos, Fidel Castro defende-se e dá sua versão do que foi sua estada de 49 anos à frente de Cuba: “O escravo sou eu! Sou o escravo do meu povo. Dedico-lhes dias e noites há já quase cinquenta anos.”¹

Em 19 de fevereiro de 2008, Fidel Castro publica sua renúncia da presidência e encerra um dos maiores ciclos presidenciais do mundo. Ditador ou mártir, sai de cena deixando para o irmão mais novo a tarefa de conduzir Cuba no delicado processo de seguir em frente sem seu líder maior. Uma lenta reforma em direção a dar mais liberdade para os cubanos tem sido vista no comando de Raúl Castro. Resta saber o quão profundas poderão ser essas mudanças e em qual direção a ilha caminhará. Alguns, especialmente os exilados nos Estados Unidos, esperam uma abertura total rumo ao capitalismo, outros preferem a manutenção do socialismo e das conquistas sociais. Dentre as mais divergentes opiniões acerca do futuro de Cuba, selecionamos a de Frei Betto:

*“Com ou sem Fidel, Cuba terá de mudar, pois a história é implacável. Espero, contudo, que o futuro do país não seja o presente do resto da América Latina: democracias formais cercadas de miséria, drogas, violência e desemprego por todos os lados. E que, no futuro, permaneça, à saída do aeroporto José Martí, em Havana, este painel de boas-vindas a quem chega ao país: ‘Esta noite, milhões de crianças dormirão nas ruas do mundo. Nenhuma delas é cubana’.”*²

1 Extraído do texto “O Adeus de Fidel” no site:

<http://www.clix.semanal.expresso.pt/1caderno/internacional.asp?edition=1843&articleid=ES282232>.

2 Extraído do texto “Cuba resiste, solidariamente” no site:

<http://alainet.org/active/5233&lang=es>.

II

A infância pobre de um menino rico

Fidel Alejandro Castro Ruz nasceu em 13 de agosto de 1926, na província de Birán, atual província de Holguín, uma região pobre no leste de Cuba. Birán sequer chegava a ser considerada uma vila, era na verdade o que chamam em Cuba de *Batey*, algumas instalações construídas em torno das plantações de cana-de-açúcar. Seu pai era o dono de todas as terras da região.

Ángel Castro y Argiz chegou em Cuba como soldado, com cerca de 17 anos, para defender a Espanha na guerra de independência cubana. Por ter gostado e se identificado tanto com Cuba, um ano após voltar à Espanha, desembarcou novamente na ilha, dessa vez para se estabelecer de vez. Isso foi no ano de 1899, logo após a independência cubana, época de intensa profusão econômica no país, especialmente com a chegada de inúmeras empresas norte-americanas prontas para demarcar o território.

O governo norte-americano havia ajudado militarmente Cuba em sua luta pela independência, visando expandir o alcance de suas indústrias e, em especial, a exploração do açúcar cubano. Com a Emenda Platt, a constituição cubana foi alterada, dando aos Estados Unidos da América a incumbência da proteção e o poder de intervir nos assuntos internos de Cuba. Na prática, Cuba saía do domínio espanhol para se tornar um protetorado norte-americano. A Emenda Platt só seria revogada em 29 de maio de 1934.

Ángel Castro começou a trabalhar para uma empresa americana, a United Fruit Company, mas, em pouco tempo, organizou trabalhadores e montou uma pequena empresa que derrubava florestas para propiciar o cultivo da cana-de-açúcar. Prestava serviço para as grandes companhias norte-americanas, mas aos poucos foi comprando e arrendando terras até se tornar um grande proprietário, chegando a controlar mais de 11 mil hectares de terra.

Instalando-se em Birán, “dom” Ángel Castro, como era conhecido, apaixonou-se pela professora María Luísa Argota. Casaram-se e tiveram dois filhos. Viveram em aparente harmonia até a chegada da nova criada da casa, uma camponesa de 14 anos, mesma idade de Ligia, filha mais velha de dom Ángel. Do romance entre patrão e criada nasceria Titín, apelido de infância de quem viria a se tornar Fidel Castro.

Oriunda da província de Pinar del Río, região central de Cuba, Lina Ruz Gonzáles mudou-se para Birán quando tinha por volta de 7 ou 8 anos. De origem humilde, foi levada à casa de dom Ángel onde passou a trabalhar como

empregada doméstica, aos 14 anos. Com a proximidade, nasceu uma relação extraconjugal que teve como fruto sete filhos, entre eles Fidel e Raúl Castro. Ao todo, o patriarca da família Castro teve, oficialmente, dez filhos (além dos dois do primeiro casamento e dos sete com Lina, ainda teve mais um filho, com uma terceira mulher, Generosa Batista).

O nascimento de Fidel, terceiro filho de dom Ángel com Lina, selou o fim do primeiro casamento do patriarca da família. Não suportando mais a traição do marido, Maria Luísa Argota fugiu com os filhos e deixou a função de dona da casa para Lina. Uma nova família se formou, porém, por não ser oficialmente casada, Lina não podia dar o sobrenome de dom Ángel aos filhos.

Fidel inicialmente foi batizado somente em 1935, quando já tinha oito anos, com o sobrenome Hipólito Ruz González. Antes do nome definitivo, em 1941, seria chamado ainda Fidel Casiano Ruz González. O segundo nome, Alejandro, teria sido escolhido por ele mesmo em homenagem a Alexandre, o Grande. Seu primeiro nome foi dado em homenagem a um milionário que seria seu padrinho, Fidel Pino Santos. O fato de não ser batizado traria problemas nas escolas em que viria a estudar, chegando a ser chamado pelos colegas de “porco judeu”.

Com apenas quatro anos, à época que sua mãe dava à luz a Raúl, o pequeno Titín passou a frequentar a escolinha da região, uma única sala de aula, com 25 alunos de diferentes idades, na propriedade de seu pai. Sentado na primeira carteira, acompanhava os irmãos mais velhos, Angelita e Ramón, mais por imposição que por fins educacionais. Entretanto, mostrou-se um autodidata ao aprender a ler e escrever apenas observando como as outras crianças faziam. À exceção dos irmãos, os outros alunos eram filhos de trabalhadores muito pobres da fazenda. O choque de classes e a precariedade da escola podem ter acelerado sua ida para Santiago, para aprimorar sua educação. A primeira escola onde Fidel estudou é hoje parte de um museu, com fotos de sua vida estudantil.

Em Santiago, um novo mundo se apresentou a Fidel. O menino de seis anos viu pela primeira vez prédios de até cinco andares que lhe pareceram gigantescos. A visão do mar aberto foi ainda mais impressionante a seus olhos infantis. Foi nessa época também que sentiu a injustiça lhe ser apresentada. A professora Eufрасita, que se incumbiu de educar o menino, simplesmente embolsava a maior parte do dinheiro que dom Ángel mandava, e pior, não ensinava nada a Fidel. Ele chegou a passar fome e só estudava porque tinha um caderno com a tabuada na capa, com a qual se esforçava, por horas, para conseguir aprender, sozinho, as quatro operações fundamentais.

Angelita e Ramón, um pouco maiores e que também foram enviados à casa da professora, não conseguiam alertar os pais sobre o que estava acontecendo ali, principalmente porque não deixavam que Angelita, a mais velha, enviasse cartas aos pais. Foi preciso que Lina visse os filhos maltratados e famintos para trazê-los de volta a Birán, mas não antes de levá-los a uma lanchonete para que tomassem

o quanto de sorvete aguentassem.

Mais tarde, os pais fizeram as pazes com a professora e Fidel voltou a morar em sua casa em Santiago, porém dessa vez era um pouco mais bem tratado, não significando, entretanto, que tivesse um bom tratamento. Apesar de até ter aulas em um bom colégio duas vezes por semana, continuava a ser explorado e precisou fazer sua primeira rebelião para que pudesse ser internado nesse colégio. Passou a se recusar a comer vegetais ou outros alimentos que lhe eram impostos e deixou de fazer coisas que não tinha vontade. Não era apenas um ataque de menino mimado, usou o poder da negação a seu favor e fez isso de forma tão contundente que acabou conseguindo o que queria.

Após se rebelar contra a situação em que se encontrava, Fidel conheceu uma realidade completamente diferente. Foi matriculado como aluno regular no caro colégio interno La Salle, que, apesar do caráter de internato, incentivava as saídas para passeios e tinha muitas atividades devido ao tamanho da propriedade. Ali teve contato com outras crianças ricas, mas não tinha consciência ainda da diferença entre elas e as que conhecia até então em Birán. Apenas estranhava o fato de ter apenas um negro em sua sala, Larriñaga era seu nome. Fidel se lembrava bem dele porque foi o único com quem estudou a partir de então.

Ávido por conhecimento e mostrando interesse em diversas áreas, Fidel logo se destacou na escola. Sempre com boas notas, ficava acordado até tarde debruçado sobre os livros, mas nem sempre os didáticos. Dono de uma memória invejável, era capaz de decorar grandes trechos de obras e se lembrar de detalhes de aulas em que não prestava muita atenção, mas que estudava a matéria, sozinho, mais tarde. O resultado mais visível dessa impressionante qualidade foi passar direto da terceira para a quinta série, sem ter de cursar a quarta. Passou, assim, cerca de quatro anos em La Salle.

Quando concluiu a quinta série, Fidel deixou para trás a pesca, os passeios e esportes como futebol e natação, para ser apresentado a uma disciplina mais rígida dos jesuítas nos colégios posteriores. De La Salle foi para o colégio Dolores, mas, claro, não foi uma simples mudança de colégio. Após o diretor do Colégio La Salle dizer que os filhos de dom Ángel eram delinquentes, este decidiu que os filhos não mais iriam à escola. Para Ramón, o mais velho, foi bom porque preferia ficar na fazenda, onde o conforto era maior. Para Raúl, o mais novo, não fazia diferença por não ter consciência ainda do que representava a escola, mas para Fidel aquilo era uma condenação injusta e ameaçou colocar fogo na casa caso não voltasse a estudar. Os pais sabiam que ele não faria aquilo de verdade, mas se impressionaram com a obstinação do menino.

Por volta dessa época um fato curioso na infância de Fidel foi relatado por ele próprio. Escreveu uma carta “ao bom amigo” Franklin Roosevelt, então presidente dos Estados Unidos, pedindo um presente, uma nota de dez dólares. Recebeu uma resposta, muito comentada na escola, porém uma resposta padrão,

provavelmente redigida por um assessor e dirigida a todos que escrevessem ao presidente. Em entrevista recente, Fidel relembra o episódio com humor:

“Disseram-me, como piada, que se Roosevelt tivesse me enviado os dez dólares, eu talvez não tivesse causado tantas dores de cabeça aos EUA.”¹

Embora passasse mais tempo dentro do colégio, quando foi para o Dolores, Fidel era estimulado pelos religiosos quando demonstrava algum espírito de aventura ou de risco e isso ele tinha de sobra, especialmente quando envolvia montanhas. Quando via uma montanha tinha a ideia fixa em escalá-la. Não sossegava enquanto não chegasse ao topo dela. Carregou consigo esse fascínio até quando ficou mais velho. Tinha a intenção de escalar o Pico Turquino, com 1.974 metros de altura, mas devido a inúmeros problemas de planejamento, não conseguiu realizar a façanha.

Apadrinhado por um comerciante, Fidel passou a morar em sua casa. Por estarem subindo de posição social, Mazorra e sua esposa estavam construindo uma casa no bairro de Vista Alegre, um bairro aristocrático de Santiago. As melhores famílias precisavam ter no colégio Dolores um pupilo que, por sua vez, fosse o melhor aluno. Após perder quase três meses de aula por causa de complicações resultantes de uma mal executada operação de apendicite, Fidel foi obrigado a falsificar as notas que entregava à tutora, a esposa do comerciante Mazorra. Disse ter perdido a caderneta de notas e recebeu outra. Na original, falsificava a assinatura da tutora; na segunda via, falsificava as notas para apresentar em casa. Todas notas máximas. Suas reais notas eram, no entanto, suficientes para que fosse aprovado, assim conseguia continuar os estudos sem maiores cobranças e a tutora conseguia o status de ter um pupilo como o melhor aluno.

No Dolores, a entrada de negros era proibida, apesar da rebeldia velada dos jesuítas quanto a isso. Aquela situação já era percebida por Fidel que questionava a educação diferenciada para a burguesia branca, embora não entrasse em nenhuma rebelião de classes ou intentasse alguma ação para mudar qualquer coisa. Era, até então, apenas um garoto simples, filho de pai rico, que começava a forjar sua personalidade diante da realidade que se apresentava à sua frente. Segundo ele mesmo reconheceria mais tarde “... naturalmente eu não nasci revolucionário, mas sim, como já disse, rebelde”.²

Embora ainda não estivesse imbuído de um espírito crítico quanto às questões sociais, seu lado revolucionário e seu espírito de liderança já começavam a se destacar. Além da rebeldia diante da situação na casa da professora e em praticamente todos os lugares em que estudou, sua personalidade marcante se destacou, seja na forma de brigas, seja na forma de receber a liderança por sua

persistência. Fidel sempre cativou ou intrigou os que estavam à sua volta e, desde cedo, exibia um carisma impressionante. Mesmo vivendo em meio às crianças ricas, Fidel nunca foi tratado como tal. A conduta jesuíta era de não valorizar os bens materiais e sempre morou de favor em Santiago, sem nunca se sentir como parte da família, algo que só acontecia quando estava em Birán. Em muitos momentos, sua infância foi semelhante a de um menino mais humilde.

Depois do colégio Dolores, Fidel foi terminar seus estudos, ainda em Santiago, no prestigiado colégio Belén, também elitista, também controlado por jesuítas e também proibido para negros. Ali completou sem maiores problemas seus estudos para poder entrar na universidade. Já desenvolvendo um senso de justiça social, tinha em mente que queria ser advogado para ajudar os mais necessitados.

A infância de Fidel, embora apresente características importantes de sua personalidade, ainda não revelava toda sua força revolucionária nem sua liderança carismática. Os anos que viriam a seguir, especialmente durante o período em que estudou direito na Universidade de Havana, seriam decisivos para a formação e consolidação do líder revolucionário que viria a se tornar e seriam ainda mais decisivos para a história cubana.

1 RAMONET, Ignacio. *Fidel Castro: Biografia a Duas Vozes*. São Paulo: Boitempo, 2006.

2 RAMONET, Ignacio. *Fidel Castro: Biografia a Duas Vozes*. ob. cit.

III

Universidade e formação revolucionária

Em 04 de setembro de 1945, Fidel ingressou na Universidade de La Habana. Após doze anos de disciplina jesuíta, deparou-se com o cenário de liberdade ideológica que se fazia ainda mais liberal, devido ao término da Segunda Guerra Mundial. Alunos nacionalistas e revolucionários idolatravam e imergiam nas ideias de José Martí, o herói e mártir da independência cubana.

José Julián Martí y Pérez foi um intelectual, filho de espanhóis, que conseguiu reunir os combatentes que buscavam a independência na fracassada Guerra de Dez Anos (1868 – 1878) para que conseguissem finalmente tornar Cuba independente em 1898. Defendia a guerra sem ódio e que a luta deveria promover uma profunda transformação em Cuba, abrangendo os aspectos econômicos, políticos e sociais. Coordenou a luta armada com Máximo Gomes e Antônio Maceo, mas não viveu para ver seu sonho realizado. Após violentos combates, morreu em 19 de maio de 1895, quando seu pequeno contingente de rebeldes se deparou com as tropas espanholas no vilarejo de Dos Rios. Acabou sendo mutilado pelos soldados e seu corpo foi exibido à população em diferentes partes da ilha. Foi sepultado em Santiago de Cuba.

A história e o exemplo de Martí fascinaram tanto Fidel quando ele entrou na universidade, que uma mudança de comportamento se instaurou de forma permanente dentro dele. Assim como pensamentos marxistas e antiamericanos lhe foram apresentados naqueles anos de intensa profusão rebelde, o pensamento martiniano foi a primeira doutrina política a moldar a mente de Fidel Castro. Frases como “Quem não se sentir ofendido com a ofensa feita a outros homens, quem não sentir na face a queimadura da bofetada dada noutra face, seja qual for a sua cor, não é digno de ser homem”¹ (José Martí), atravessaram os séculos e hoje fazem parte da História.

Os anos que se seguiram, até se formar em direito no final de 1949, foram marcantes para a formação revolucionária de Fidel. Em pouco tempo conheceria e abraçaria preceitos comunistas, seria engajado em diversas ações e participaria ativamente da vida política de Cuba e da América Latina. Logo que começou a frequentar a universidade foi tomado pelo espírito rebelde das ideias de união e igualdade dos povos latino-americanos, especialmente contra a exploração norte-americana. Assim como na época dos colégios jesuítas, não era assíduo às aulas, entretanto, trocou os esportes, sua paixão até então, pela militância estudantil e política. Trouxe o irmão Raúl de Birán e tratou de cuidar

da educação dele, uma vez que os pais não demonstraram muito interesse.

Tido primeiramente como reacionário por vir de um colégio tradicional e ser filho de latifundiário, em pouco tempo Fidel reverteu essa opinião, cercou-se de colegas com espírito revolucionário e pôs em prática os preceitos que vinha recebendo. Sua vida estava bastante mudada e exercia atividades que até então nem pensava em conhecer. Já em seu segundo ano de faculdade, editou, em parceria com um companheiro, Baudilio Castellanos, o periódico mensal Saeta, no qual reproduzia conferências de classes e outros artigos para entregar gratuitamente a seus colegas de estudo. O Saeta, bem amador, impresso em seu mimeógrafo pessoal e de baixa tiragem, serviu para Fidel ampliar sua rede de influência e amizade.

Em 1947, ainda no segundo ano, Fidel Castro participou de programas radiofônicos da estação CMQ de Eduardo Chibás, um dirigente do Partido do Povo Cubano, mais conhecido por Partido Ortodoxo, o PPC (O), extremamente crítico ao governo e continuou ganhando prestígio entre os colegas. A exposição lhe rendeu a eleição para delegado da Federação de Estudantes Universitários (FEU), na qual viria a ser dirigente em diferentes instâncias. Fidel filiou-se ao PPC (O) por identificar no programa do partido a síntese de grande parte das ideias que vinha tomando conhecimento. Ele se referiria posteriormente ao PPC (O):

“O programa da ortodoxia era um programa que – respondendo principalmente aos interesses da pequena burguesia radical anti-imperialista – se caracterizava por propor medidas de cunho nacionalista contra os monopólios norte-americanos, com especial ênfase em medidas contra a corrupção administrativa que predominava então entre os funcionários do Estado. Tratava-se de um partido populista de origem pluriclassista, composto fundamentalmente por operários, camponeses e pequena burguesia, e cuja direção era burguesa.”²

Em pouco mais de dois anos, desde sua entrada na universidade, a vida de Fidel se encheu de atividades políticas e de colegas engajados e alinhados com seu pensamento. Foi nessa época que conheceu Alfredo Guevara, Miguel Soto, Chino Esquivel, que seriam importantes em diversos momentos de sua vida, especialmente em sua primeira tentativa de revolução, no assalto ao quartel de Moncada. Com uma destacada participação política e uma facilidade em prender a atenção com sua oratória, Castro passou a ficar em evidência dentro de Cuba e decidiu que era hora de estender sua luta para outros países da região.

A oportunidade surgiu quando exilados dominicanos, sob a liderança de Juan Rodríguez García e do escritor Juan Bosch (que viria a se tornar presidente da República Dominicana), prepararam uma ação armada contra a tirania do ditador Rafael Leónidas Trujillo. Por cerca de dois meses, entre julho e setembro

de 1947, Fidel recebeu treinamento militar junto com mais 1.200 homens na ilha de Cayo Confítes. Porém, a operação foi descoberta e abortada antes de ser posta em prática, mas como o barco de Fidel já havia partido, acabou detido pela marinha cubana. A empreitada foi um fracasso total e Castro só não perdeu a vida ou acabou preso porque saltou do barco em que estava e voltou nadando por cerca de quinze quilômetros em mar aberto, até atingir terra firme.

De volta à universidade, Fidel não tardaria a encontrar outra causa para se empenhar. Em abril de 1948, o destino propiciou a ele um cenário explosivo. O palco era o Primeiro Congresso Estudantil Latino-americano na Bolívia, que Castro ajudou a organizar. Simultaneamente ao encontro de estudantes aconteceria a IX Conferência Panamericana para a criação da OEA. Os dois eventos não terminariam como o programado.

No dia 09 de abril de 1948, durante esses eventos, Jorge Eliezer Díaz Gaitán, candidato à presidência da república, é assassinado em Bogotá, eclodindo uma série de levantes populares de repercussões trágicas, que passaram a ser conhecidos como o “Bogotazo”. Os estudantes cubanos participaram ativamente das manifestações. Fidel e seus colegas tomaram de assalto uma delegacia de polícia em Bogotá. Com o desenrolar das ações acabaram perseguidos e tiveram de se refugiar na embaixada cubana em 11 de abril, de onde só conseguiram voltar a Cuba, em avião destinado ao transporte de gado, apenas no dia 13 de abril de 1948.

O restante do ano de 1948 foi importante na vida pessoal de Fidel Castro. Primeiramente, ele resolveu levar o curso de direito a sério e se empenhou nos estudos, chegando a se matricular em cinquenta matérias no ano. Esse também foi o ano de seu casamento. Mirta Díaz-Balart, 22 anos, estudante de filosofia, irmã de um companheiro da universidade, uma moça rica, de boa e influente família, tornou-se a senhora Castro em 12 de outubro de 1948. A lua-de-mel foi financiada por dom Ángel e o casal foi, por mais irônico que pareça, para os Estados Unidos. O primeiro filho do casal, Fidel Díaz-Balart (conhecido por Fidelito), único reconhecido oficialmente por Fidel Castro, nasceu um ano depois, um pouco antes de o pai concluir os estudos na Universidade de Havana e se tornar advogado.

Em 1950, Fidel iniciou seu trabalho como advogado abrindo um pequeno escritório e dedicando-se a causas sociais ou praticamente perdidas, como a defesa dos opositores do governo de Carlos Prío Socarrás. Por meio, principalmente, do diário Alerta e das emissoras Radio Álvarez e COCO, denunciou a corrupção e os atos ilegais desse governo. Fidel aproximou-se do pensamento de Eduardo Chibás, àquela altura o principal crítico do presidente Prío Socarrás e maior expoente do PPC (O). Entretanto, um fato trágico e inesperado mudaria radicalmente o cenário político cubano.

Eleito senador, Eduardo Renato Chibás y Rivas, aproveitando-se de seu grande

carisma, partiu para o ataque contra Carlos Prío Socarrás e acusou publicamente seu ministro da educação, Emilio Sánchez Arango de corrupção administrativa. A acusação gerou um intenso debate entre governistas e oposição, repercutiu em plano nacional e forçou o senador a apresentar provas do delito. No dia 05 de agosto de 1951, incapaz de comprovar as acusações, Eduardo Chibás, sentindo-se pressionado, pronunciou o seguinte discurso, ao vivo, pela rádio CMQ, antes de atirar contra o próprio abdômen:

*“Companheiros da ortodoxia, avante! Pela independência econômica. Pela liberdade política e a justiça social! Varramos os ladrões do governo! Povo de Cuba, levanta-te e anda! Povo cubano, desperta! Este é meu último Aldabonazo!”*³

Onze dias após atirar contra o próprio peito, Eduardo Chibás morreu. Intentando assumir seu legado, Fidel acentuou suas críticas ao governo de Prío Socarrás. Começou então a elaborar uma estratégia para conduzir os seguidores mais jovens influenciados pelo PPC (O), especialmente os mais humildes, para posições revolucionárias. Passou o ano de 1951 consolidando seu projeto e preparando-se para se tornar uma liderança política nacional, capaz de criticar vorazmente a corrupção e os interesses unilaterais norte-americanos na ilha.

A eloquência de sua voz e a ferocidade de seus ataques davam ao ainda jovem e desconhecido Fidel as condições para substituir, inclusive em carisma, Eduardo Chibás. O tom de suas críticas era ácido e estas buscavam explicações para que o governo fosse mais transparente e justo, mas suas ações acabaram ajudando, mesmo que não intencionalmente, a derrubar o governo de Prío Socarrás e levaram Cuba a um regime ainda pior.

Dono de uma inteligência acima da média, formado advogado pela Universidade de Havana, herdeiro de grande quantidade de terras, casado com uma moça de família rica e influente e pai de um filho, Fidel Castro teria tudo para manter esse padrão de vida e aquietar seus ímpetos revolucionários. Entretanto, da mesma maneira que eram grandes seus motivos para desistir de uma luta revolucionária, maiores eram suas convicções políticas e seu senso de justiça. Ele intentaria continuar sua luta seguindo as regras do campo político, mas sua veia revolucionária voltaria a pulsar frente ao novo cenário de medo e injustiça a que Cuba estaria mergulhada nos próximos anos.

1 MARTÍ, José. *Páginas Escolhidas*. Rio de Janeiro: Alba, 1940.

2 CASTRO, Fidel. “La Estrategia del Moncada”, *Casa de las Américas*, nº 109, julho/agosto de 1974.

3 MÁO JÚNIOR, José Rodrigues. *A Revolução Cubana e a Questão Nacional*

(1868 – 1963), São Paulo: Núcleo de Estudos d'O Capital, 2007.

IV

Ação armada no quartel de Moncada – “A História me absolverá!”

Em 1952, Fidel Castro era candidato à vaga de deputado por Havana, quando Fulgencio Batista derrubou o governo de Prío Socarrás. Seu espírito patriótico fez com que redigisse um manifesto intitulado “Revolución no, Zarpazo!”, em que conclamava o povo cubano a resistir contra o golpe. Como advogado, entrou em 24 de março de 1952 com uma denúncia contra Batista no Tribunal de Urgência. A pena solicitada era de 100 anos para o ditador, por violar a constituição, impedir a realização das eleições e promover ações armadas contra instituições constitucionais. Esse era o início de uma luta feroz entre Fidel e Batista e o primeiro embate terminou com a improcedência da denúncia por parte do tribunal.

O segundo confronto de Fidel contra Batista começou a ser desenhado no aniversário da morte de Eduardo Chibás. Em um discurso em torno de sua tumba, Castro afirmou que a resposta à violência do ditador deveria ser dada através das armas, recebendo o apoio daqueles que o ouviam. A asfixia das instituições democráticas inviabilizava uma luta no campo político. Sem dar tréguas a Batista, Fidel se preparava para a luta armada.

Com armas compradas no mercado negro e práticas de tiro em sítios e clubes de tiro em Havana, especialmente no campo de tiro do Club de Cazadores Del Cerro, estudantes, funcionários públicos, professores, artesãos, trabalhadores do setor açucareiro, liderados por Fidel Castro se preparavam para uma ação armada. Aquela era a base de um movimento insurrecional insipiente. O alvo principal seria o quartel de Moncada, em Santiago, capital da província do oriente, a segunda maior instalação militar de Cuba.

Em 25 de julho de 1953, todos os que participariam do ataque no dia seguinte se reuniram na periferia de Santiago. Havia conseguido manter o sigilo de forma eficiente, o que seria fundamental para o êxito da operação. De um grupo de 160 homens uniformizados a se parecerem sargentos do exército de Batista, 120 homens se dirigiram para o assalto ao Moncada, liderados por Fidel. Quarenta outros homens seguiram para o quartel de Bayamo, na cidade vizinha, visando neutralizar um possível contra-ataque.

O grupo de Fidel foi dividido em três. O primeiro, sob a liderança de Abel Santamaría, segundo chefe da organização, tomaria o hospital civil nos fundos do quartel; o segundo grupo, do qual Raúl Castro fazia parte, tinha a missão de tomar o prédio do tribunal provinciano, o Palácio da Justiça; o terceiro grupo, liderado

por Fidel, tomaria o Estado-Maior e as barracas nas quais dormiam os soldados. Mesmo com um efetivo muito inferior, seria possível tomar um quartel desarmado caso contassem com o fator surpresa.

Inúmeros foram os erros na execução da ação planejada. A inexperiência e afobação dos insurgentes, associada às imprevisibilidades que decorrem de uma ação desse tipo, foram decisivas no fracasso do levante. Em Bayamo, dois regimentos foram aniquilados e o que restou não conseguiu fazer frente aos soldados aquartelados. No Moncada, os dois grupos com a missão mais fácil conseguiram seus objetivos, porém o grupo liderado por Fidel foi descoberto antes do tempo e perdeu o efeito surpresa do ataque. Sem a surpresa, tornava-se impossível um punhado de homens isolados dominarem cerca de 1.500 soldados armados.

A data do ataque, 26 de julho, havia sido escolhida por ser feriado de carnaval, em que o efetivo do quartel seria menor, deixando-o mais desprotegido. No entanto, o comando do quartel designou uma patrulha para guardar a entrada do quartel, devido ao grande número de pessoas que estariam na cidade em virtude do carnaval. Após alguns carros se perderem pelo simples fato de seus motoristas não conhecerem a cidade, o que propiciou um atraso na chegada ao quartel além de um número menor de homens para tomá-lo, o grupo de Fidel foi surpreendido pela patrulha que retornava de sua ronda e teve início o combate.

O primeiro carro havia conseguido entrar no quartel por volta das 5h15 da manhã e render as sentinelas, porém, com a chegada da patrulha houve um princípio de conflito que logo se intensificou. Com o tiroteio, foi dado o alarme e os soldados, que estavam dormindo, foram se armando e se organizando para defender o quartel. Com a crescente resistência do quartel, só restou a Fidel ordenar a retirada em direção às montanhas. Ele próprio foi resgatado por um carro enquanto atirava contra os soldados nos muros do quartel.

Uma perseguição implacável aos combatentes mostrou a disposição de Batista em não aceitar qualquer resistência a seu governo. As ordens eram capturar e matar Castro e executar dez atacantes para cada soldado morto. No Moncada, apenas seis aliados de Fidel perderam a vida nos combates e cerca de outros 60 foram assassinados posteriormente. Esse provavelmente seria o destino do comandante, caso não conhecesse o tenente Sarriá, responsável por sua captura e por lhe salvar a vida ao menos três vezes.

Após ser resgatado no meio da rua em frente ao quartel, Fidel seguiu para as montanhas com mais 19 homens. A intenção era seguir até Sierra Maestra, porém, em vez de dormir na mata, cansado, acabou cometendo um erro e foi dormir com mais dois companheiros em uma pequena casa, onde foi capturado. Os soldados que o capturaram estavam prestes a atirar quando o tenente ordenou que não disparassem. Contendo a fúria dos soldados, o tenente repetia, quase calmamente: “Não atirem, não se matam as ideias”.¹

O tenente Sarriá, que havia estudado direito na mesma faculdade que Fidel, em Havana, ficou sabendo da sua identidade e pediu que Castro não contasse a mais ninguém. Guardando o segredo de seu nome salvou-lhe a vida outra vez, visto que a ordem era de executar o comandante do assalto. Por fim, encarregou-se de levá-lo pessoalmente ao Vivac (uma prisão civil), contrariando ordens diretas de um comandante do exército, que pretendia conduzi-lo ao Moncada, onde, provavelmente, teria o mesmo destino de seus companheiros e seria torturado e morto. Não fosse o tenente, Fidel teria morrido em 1953 e a História e o mundo seriam completamente diferentes.

Preso, porém vivo, Fidel passou a ser conhecido e a representar uma ameaça real a Batista. Todos queriam saber quem era o responsável por aquela ação tão arriscada. Castro foi a julgamento e coube a ele próprio elaborar sua defesa, que culminou em um discurso histórico, de mais de 5 horas, em que fundamentou os ideais que viriam a ser sua bandeira no futuro e encerrou sua defesa com a célebre frase: “Condenai-me, não importa, a História me absolverá!”.

Quando compareceu pela primeira vez ao tribunal, em 21 de setembro de 1953 (Causa 37), o procurador quis saber de Fidel quem era o autor intelectual do ataque ao quartel de Moncada. A resposta, enfatizando que ninguém tinha de se preocupar, era que o único autor do ataque ao Moncada era José Martí. Com declarações contundentes e convincentes argumentos, Fidel passou de acusado a acusador. Em nenhum momento se preocupou em declarar-se inocente, ao contrário, aproveitou a repercussão nacional do julgamento e a presença massiva da imprensa para invocar o princípio da legitimidade de insurgir-se contra um regime ilegal. De forma brilhante, conseguiu com sua defesa transformar o fracasso da ação militar em uma vitória política retumbante.

Um médico na prisão de Boniato foi destacado para certificar que Fidel Castro se afastasse do tribunal, por conta de uma suposta doença que nunca existiu. A manobra foi usada para evitar os estragos que sua propaganda anti-Batista estava causando. O julgamento dos demais envolvidos continuou sem sua presença e as fraudes e mentiras persistiram. Todos os acusados foram condenados e provas que os combatentes haviam sido previamente torturados e executados a sangue frio foram ocultadas. Entre os mortos estava Abel Santamaría, que antes de ser executado teve os olhos perfurados.

As certidões dos médicos forenses que fizeram o exame dos cadáveres descreviam absurdos como os de jovens “mortos na batalha” com marcas de tinta nos dedos, evidenciando terem sido tiradas suas impressões digitais antes da execução. A prova mais contundente talvez seja a fotografia de José Luis Tasende, um combatente ferido, que acabou por ser confundido, por causa do uniforme de sargento, com um militar baleado, sendo, inclusive, atendido no hospital militar das forças governamentais. Com uma ferida na perna, foi fotografado pelo exército e tomado por herói. Ao descobrir-se que se tratava de

um atacante, acabou por ser “morto em combate”.

Fidel Castro voltou a ser julgado somente em 16 de outubro de 1953 em uma pequena sala de estudo das enfermeiras do Hospital Civil, sob o testemunho de apenas seis jornalistas, impossibilitados, no entanto, de publicar qualquer fato devido à censura aos órgãos de imprensa em que trabalhavam. Foi nesse dia e local que Castro defendeu-se oralmente por meio do que o mundo viria a conhecer posteriormente, como o discurso “A História me absolverá”. O próprio Fidel, usando de sua memória privilegiada, o redigiu, posteriormente, no presídio modelo na ilha de Los Pinos, enquanto cumpria sua sentença. Seu discurso se transformou nos ideais defendidos pelo que seria posteriormente conhecido por “Movimento Revolucionário 26 de Julho”.

O povo cubano sentia na pele a força da repressão do governo de Batista e o discurso de Fidel pareceu acender uma esperança de renovação, de mudança de rumo político, com um governo mais democrático e menos corrupto e explorador, algo que parecia até então intangível. Castro passou a representar a personificação de toda essa mudança. Abaixo, um trecho extraído do discurso que serviu de base revolucionária e ajudou a inspirar os cubanos:

“Há uma razão, porém, que nos assiste, mais poderosa que todas as outras: somos cubanos. E ser cubano implica um dever; não cumpri-lo é um crime de traição. Vivemos orgulhosos da história de nossa pátria; aprendemo-la na escola; e crescemos ouvindo falar de liberdade, de justiça e de direitos. Ensinaaram-nos a venerar desde cedo o exemplo glorioso de nossos heróis e de nossos mártires.

*...
Quanto a mim, sei que a prisão me será mais dura, como nunca foi para qualquer outro. Sei que ela será pesada, de ameaças vis e covardes provocações, mas não a temo, como não temo a fúria do tirano miserável que ceifou a vida de 70 de meus irmãos. Condenai-me, não importa. A História me absolverá!”²*

Fidel Castro foi condenado a quinze anos de prisão que deveriam ser cumpridos na prisão da ilha de Los Pinos. Devido a pressões populares e a uma decisão desastrosa de Batista, acabou anistiado em menos de dois anos. O tempo que passou na prisão serviu para organizar as pessoas, lapidar as idéias e preparar a revolução final. Impunha a si próprio uma rotina mais severa que a da prisão, praticava esportes, especialmente basquete, visando o aprimoramento físico, e criou a Academia Ideológica Abel Santamaría visando reforçar a formação política e os preceitos revolucionários nos companheiros encarcerados.

Acuado pelas críticas a seu governo extremamente pró-americano, Fulgencio Batista procurou legitimar seu golpe pelo voto, convocou eleições e, na hora do pleito, figurou como candidato único. Empossado como governante “eleito”, procurou dar uma cara mais democrática para seu governo. Talvez em seu

maior erro político, cedeu às pressões nacionais e internacionais e enviou ao congresso, que aprovou, a Lei da Anistia. O maior beneficiado com essa lei foi Fidel Castro, que, junto com os demais atacantes do Moncada, acabou sendo libertado em 15 de maio de 1955, disposto a ser o mais ferrenho opositor ao governo de Batista.

O Movimento Revolucionário 26 de Julho (MR 26 de Julho) foi batizado oficialmente em uma reunião em 12 de julho de 1955 e tinha como objetivo final a deposição do governo de Batista. Organizou-se sob o comando de Fidel Castro em distintas seções, voltadas para ação armada, finanças, propaganda e ainda preocupações na área sindical e da juventude. A organização cresceu e ganhou corpo com adesões de outras organizações, como da Acción Libertadora Nacional, de considerável penetração na província do oriente.

Aproveitando-se da aparente democracia, Fidel foi às rádios e aos periódicos denunciar os crimes praticados por Batista. Mais uma vez os estragos causados por sua afiada oratória foram grandes. O poder de convencimento de Fidel era enorme e ele precisava ser calado. Seu acesso aos meios de comunicação ficou proibido e Batista promoveu uma verdadeira campanha de difamação na tentativa de intimidá-lo. Seu assassinato era algo que passou a ser fortemente considerado pelo governo.

Sentindo o cerco se fechando, Fidel decide partir em direção ao México para organizar o golpe final contra Batista. Seria o mais perigoso, seria o derradeiro. Deixou Cuba em 07 de julho de 1955, disposto a regressar para promover a revolução e para dar a vida à sua luta se preciso fosse. Suas intenções se tornaram claras na mensagem deixada antes de partir:

“Estou saindo de Cuba porque todas as portas de uma luta pacífica se fecharam para mim... Como seguidor de Martí, acredito que é chegada a hora de fazer valer os direitos e não de implorar por eles. De lutar, em vez de suplicar por eles. Residirei em algum lugar do Caribe. De viagens como essa a gente não retorna, ou retorna com a tirania decapitada a nossos pés.”³

Ao chegar ao México, Fidel se encontrou com seu irmão Raúl, que, acusado de planejar um atentado a bomba em um cinema, foi um dos primeiros a deixar Cuba. Sua partida alguns dias antes serviu também para preparar uma estrutura destinada a organizar uma ação militar contra Fulgencio Batista. Nas reuniões com outros dissidentes cubanos, Raúl conheceu, por intermédio de Antonio “Nico” Lopez, Ernesto “Che” Guevara, um médico argentino que vinha fugido da Guatemala após a derrubada do governo socialista de Jacobo Arbenz.

Raúl Castro apresentou o irmão a Che no dia 07 de julho de 1955 e na mesma noite Fidel o convidou a ingressar no MR 26 de Julho e seguir a Cuba como médico da campanha que tentaria destituir Batista do poder. O argentino, que

ainda não havia participado efetivamente de um combate armado, aceitou e partiu para o treinamento militar ao lado dos cubanos. O destino selava ali a união entre dois dos maiores nomes do século XX.

O MR 26 de Julho passou a agir, principalmente, em três frentes. No México, uma fazenda, conhecida por “rancho” Santa Rosa, foi alugada na região montanhosa do Chalco. Fidel, Raúl, Che e alguns outros companheiros recebiam instrução militar de Alberto Bayo, um cubano radicado na Espanha desde criança, antigo general do Exército Republicano Espanhol e especialista na guerra de guerrilhas. Nos Estados Unidos, imigrantes clandestinos eram responsáveis por arrecadar a maior parte dos fundos para financiar a campanha. Em Cuba, Frank País recrutava novos membros, e organizava um levante de massas que fazia parte da estratégia logística para o desembarque dos revolucionários vindos do México.

Em 1956, os preparativos e o treinamento dos rebeldes se intensificou. Entretanto, a dimensão da operação fez com que as autoridades mexicanas e o serviço secreto cubano percebessem a movimentação. Em 20 de junho de 1956, Fidel e mais 27 membros do MR 26 de Julho foram detidos sob o pretexto de estarem com o visto de permanência no México vencido. A situação era complicada porque eles poderiam ser extraditados para Cuba e ficariam à mercê dos desmandos de Batista. Graças à intervenção do ex-presidente mexicano Lázaro Cárdenas, conseguiram que a detenção se realizasse no México.

Che Guevara acabou sendo detido um tempo depois dos cubanos, que foram sendo libertados aos poucos. Fidel e Che foram os últimos a serem soltos, após pouco mais de um mês de detenção. Com a atenção voltada para eles, tinham pressa que a operação começasse ainda em 1956, entretanto, só em outubro conseguiram uma embarcação para levá-los a Cuba. O iate Granma tinha capacidade para transportar, com segurança, 25 pessoas, se estivesse em boas condições, o que não era o caso. O iate necessitava de uma série de reparos que tiveram de ser improvisados para que seguissem viagem.

O plano era combinar ações em território cubano com a chegada em Cuba, no dia 30 de novembro, dos combatentes vindos do México para iniciar a luta armada. Nas cidades, uma insurreição conjugada a uma greve geral chamaria a atenção do povo para a revolução e daria início a um levante popular. Na guerrilha rural, os revolucionários vindos de Cuba combateriam o exército de Batista pela guerra de guerrilhas. A ação se iniciaria na região de Santiago, berço de revoluções anteriores, no sudeste da ilha, fixaria-se na Sierra Maestra e iria em direção ao noroeste de Cuba até atingir todo o país e tomar Havana.

1 RAMONET, Ignacio. *Fidel Castro: Biografia a Duas Vozes*. ob. cit.

2 CASTRO, Fidel. *A História me Absolverá*. São Paulo: Alfa-Omega, 5ª ed., 1986.

3 SZULC, Tad. *Fidel: um Retrato Crítico*. São Paulo: Best Seller, 1987.

V

Fazendo uma revolução

Por volta de 1h30 da manhã, do dia 25 de novembro de 1956, zarpa o Granma do porto de Tuxpan com destino a Cuba levando 82 tripulantes a bordo, além de suprimentos, armas e equipamentos. A viagem apresentou diversos problemas não previstos. Muitos homens passaram mal por causa do balanço excessivo do barco; viajaram a uma velocidade abaixo do ideal, devido ao excesso de peso; e enfrentaram péssimas condições climáticas, que, associadas à necessidade de fugir das patrulhas do exército, fez com que se desviassem da rota. A viagem terminou com o iate encalhado na lama a cerca de uma milha do local planejado em 02 de dezembro de 1956, ou seja, dois dias após o planejado.

Em Cuba, Frank País, com a ajuda de Celia Sánchez, organizou um grupo para recepcionar os guerrilheiros em Niquero e com outro grupo se deslocou até Santiago no intuito de atacar a guarnição militar local. O quartel de Moncada seria o próximo alvo. Dia 30 de novembro, data prevista para o desembarque rebelde, 28 homens com a braçadeira do M 26-7 e sob a liderança de Frank País tomaram os quartéis gerais das Polícias Nacional e Marítima. Presos políticos da prisão de Boniato se uniram aos rebeldes e ocorreu um princípio de greve em Guantánamo. Porém, na cidade estavam mais de quatrocentos soldados de Batista, especializados em táticas de guerrilha. Após confrontos que duraram até o dia seguinte, o grupo de País foi subjugado. O ataque deveria ter sido coordenado com o desembarque do grupo de Fidel, mas com o atraso do iate o efeito surpresa se desfez e o grupo que ia recepcioná-los se dispersou. Os tripulantes do Granma teriam de lutar sozinhos a partir de então e o exército de Batista já estava de sobreaviso.

O desembarque teve de ser feito no meio do mangue, obrigando-os a deixar suprimentos e equipamentos pesados para trás. Caminharam por cerca de 4 horas até chegar em terra firme, na praia de Las Coloradas. Em meio à escuridão e às dificuldades do terreno, os rebeldes acabaram se separando em pequenos grupos que logo em seguida configuraram em dois grandes grupos, mas conseguiram reagrupar-se, isso somente dois dias depois do desembarque. Agora coesos, tinham patrulhas à sua procura e aviões sobre suas cabeças, por isso só conseguiam se deslocar à noite e de maneira mais lenta. Três dias após o desembarque, por volta das quatro da tarde, foram finalmente localizados e atacados pelo exército de Batista enquanto descansavam ao lado de um canal na região de Alegria del Pio.

O ataque pegou os rebeldes de surpresa e três deles tombaram logo aos primeiros tiros. Foi um verdadeiro massacre. Uma correria desenfreada se deu em meio a uma sinfonia de tiros. Corriam desordenadamente procurando apenas escapar com vida do tiroteio sem ter chance de revidar. O desespero imperava e a dramaticidade da cena pode ser percebida na descrição posterior de Che, de acordo com que seus olhos presenciavam:

“... como numa imagem caleidoscópica, passavam homens gritando, feridos pedindo ajuda, combatentes escondendo os corpos detrás das magras canas-de-açúcar, como se fossem troncos, outros apavorados pedindo silêncio com um dedo na boca em meio ao fragor da metralha e, de repente, o grito tétrico: ‘Fogo no canavial!’.”¹

A derrota praticamente reduziu as forças de Fidel a nada. Muitos rebeldes foram mortos ou acabaram sendo capturados, para serem executados mais tarde. Batista chegou a anunciar publicamente a morte dos irmãos Castro. Do total de 82 pessoas apenas quinze conseguiram se reagrupar mais tarde. Batista teria sufocado completamente o levante caso não estivessem entre os que conseguiram escapar Fidel, Raúl, Camilo Cienfuegos e Che Guevara. Os três primeiros eram os principais líderes e praticamente os únicos capazes de reorganizar a revolução, o quarto era simplesmente o que viria a ser chamado por Jean-Paul Sartre de o mais completo ser humano de nossa época.

Che Guevara foi fundamental nos combates que se seguiriam e mesmo sendo estrangeiro receberia o posto de comandante e o respeito de todos. Só havia um homem dentre os rebeldes que causava mais admiração e impunha mais respeito que Che. Um homem pelo qual todos estavam dispostos a dar a vida caso fosse necessário, inclusive o próprio Che Guevara. Fidel Castro estava imbuído de uma aura vitoriosa e exercia um comando natural sobre os que estavam à sua volta. Ele estava disposto a lutar por uma revolução que a qualquer outro pareceria impossível. Fidel daria uma nova dimensão à palavra impossível.

Após a fuga do canavial, três grupos se dividiram e foram perseguidos pelos homens de Batista. Raúl, Cienfuegos e mais três companheiros foram os primeiros a chegar à casa de um camponês que daria cobertura ao grupo. Fidel, Universo Sánchez e Faustino Pérez chegaram em seguida, treze dias após terem se separado. Por último, Che Guevara, Juan Almeida e outros cinco homens se juntaram a eles. Partiram para a segurança das montanhas de Sierra Maestra, onde se reorganizariam para continuar a luta. Antes ainda da chegada de Che, com oito homens e sete armas, Fidel chegou a afirmar: “Agora vencemos a guerra. Os dias de tirania estão contados”.

Nos treze dias que separaram o ataque em Alegria del Pio do re-encontro com Raúl, Fidel era o comandante-em-chefe dele mesmo e de mais dois homens.

Constituíam, naquele momento, a totalidade do exército revolucionário. Nessa situação, tendo de se esconder de aviões que atiravam em sua direção, sem nunca perder a esperança, chegou a dizer: “Estamos vencendo... A vitória será nossa”. O esgotamento frente às tensões passadas era terrível e fisicamente não era mais possível suportar ficar acordado. Fidel descreveu a situação que considerou a mais dramática que passou em sua vida:

“Quando percebi que seria inevitável dormir, deitei-me de lado e posicionei a culatra do fuzil entre as pernas dobradas, e a ponta do cano embaixo do queixo, não queria que me capturassem vivo se a expedição inimiga me surpreendesse dormindo.”²

Para Fidel estava claro que só sairia daquela empreitada com a vitória ou morto. Entretanto, enquanto estivesse vivo acreditaria plenamente na vitória, não importando em que condição se encontrasse ou de que recursos pudesse dispor. A percepção de seus companheiros sobre essa obstinação pode ser medida nas recordações de Universo Sánchez:

“Em um determinado momento, Fidel começa a falar – aparentemente para incutir alguma coragem em mim e Faustino – que haveria a revolução e haveria futuro. Ele falou sobre o programa revolucionário, ele elevou nossos espíritos. Em momento algum Fidel se considerou um homem derrotado... Houve um certo momento em que cheguei a pensar que Fidel tinha ficado louco... Como é que ele poderia derrotar Batista com tão poucas pessoas?”³

Reunidos, os rebeldes contaram com o apoio dos camponeses da região para conseguir se esconder e reorganizar o que viria a ser conhecido como Ejército Rebelde. Os camponeses já eram perseguidos pelo exército que os tiravam de suas terras para dá-las aos grandes latifundiários, visando o aumento da produtividade e dos lucros oriundos do plantio da cana. Com o governo acreditando já ter ganhado a guerra, a perseguição se intensificou, sob a acusação dos camponeses estarem ajudando os rebeldes. Muitos foram expulsos de suas terras enquanto outros pagaram com a vida por tentarem permanecer nelas. Essa opressão fez com que rapidamente a população da região simpatizasse com o grupo de Fidel e lhes fornecessem abrigo, alimentação, recursos, mesmo que escassos, e principalmente informações sobre as movimentações do exército de Batista.

Com a valiosa ajuda camponesa, o Ejército Rebelde conseguiu entrar em contato com integrantes do MR 26 de Julho nas cidades. Muitos camponeses desejavam entrar no combate ao lado dos rebeldes, mas faltavam armas. Estas começavam a chegar aos poucos das cidades, transportadas clandestinamente

pela população local. Sentindo suas forças aumentarem, Fidel podia preparar sua primeira ofensiva. Já contava então com 33 homens. Em 28 de dezembro de 1956, outros três sobreviventes do Granma se reintegraram ao grupo, elevando para dezoito o total de sobreviventes do massacre.

A primeira investida rebelde ocorreu em 17 de janeiro de 1957, quando Fidel ordenou o ataque a um pequeno posto militar em La Plata, onde funcionava um depósito de armas. A intenção era aumentar seu arsenal e dar o primeiro sinal a Batista de que estava vivo e disposto a lutar. A ação foi um sucesso, com as armas sendo apreendidas e os soldados capturados. A esse combate seguiram-se outros que ajudaram a elevar os efetivos e os armamentos do Ejército Revolucionario. Sempre adepto da guerra de guerrilha, Fidel comandava seus homens em deslocamentos constantes, atacando e partindo rapidamente. O objetivo de todas as ações passou a ser se apoderar dos armamentos e munição dos soldados governistas, de tal modo que essa foi a principal fonte de recursos bélicos da guerrilha.

Em meio à guerra, em fevereiro de 1957, dois importantes acontecimentos ajudaram a divulgar e alastrar a revolução. O primeiro foi a marcação de uma importante reunião do Diretório Nacional. Célia Sánchez, futura amante de Fidel e Vilma Spin, futura esposa de Raúl, além dos principais líderes da revolução estavam presentes. Foram definidos os próximos passos a serem dados, inclusive em relação à divulgação, nas cidades, das atividades que vinham ocorrendo no campo. O segundo acontecimento foi uma entrevista dada por Fidel Castro a um jornalista do The New York Times.

Com a imprensa cubana censurada, Fidel percebeu a importância de contatar a imprensa estrangeira para apresentar sua causa revolucionária à opinião pública. Por intermédio de um mensageiro, contatou Ruby H. Phillips, correspondente do The New York Times em Havana. Impedida de realizar pessoalmente a reportagem por poder ser reconhecida pelas autoridades locais, ela entrou em contato com o jornal em Nova York, que destacou Herbert Matthews para a missão.

Fazendo-se passar por um rico investidor americano, Matthews enganou as patrulhas de Batista e conseguiu chegar à região onde os rebeldes estavam escondidos. Em uma entrevista de três horas, Fidel lhe contou tudo o que estava acontecendo e convenceu o jornalista de que tinha bem mais homens e recursos do que efetivamente dispunha, fazendo seus homens trocarem de roupa e ficarem circulando em torno do repórter. Até Raúl Castro chegou para dar notícias da vitória de uma suposta segunda coluna. Fidel denunciou as atrocidades do governo e convenceu o jornalista, com sua oratória impecável e confiança inabalável, de que iria derrubar Batista.

O resultado dessa entrevista apareceu publicado no The New York Times nos dias 24, 25 e 26 de fevereiro de 1957 em três grandes artigos, dois deles na

primeira página. Em Cuba, as reportagens tiveram o efeito de uma bomba. Fidel conseguiu cópias dos registros e mandou distribuir, às escondidas, milhares de exemplares em Havana e Santiago. Os cubanos ficaram sabendo o que estava acontecendo nas montanhas e descobriram que Batista mentiu sobre as mortes de Fidel e Raúl. O ministro da Defesa cubano chegou a declarar que a entrevista era falsa, podendo, inclusive, ser considerada um capítulo de um romance de ficção e questionou o fato de não haver uma foto do jornalista em meio aos rebeldes. O The New York Times então publicou a declaração do ministro, acompanhada da foto tirada por um dos rebeldes. Batista se convenceu que a foto era uma montagem, mas o presidente do Banco Nacional de Cuba lhe alertou:

“Se está publicado no The New York Times, é verdade em Nova York, é verdade em Berlim, em Londres e em Havana. Você pode ter certeza de que o mundo inteiro acredita nessa história.”⁴

A guerra continuava e em 28 de maio de 1957 aconteceu um dos principais ataques do Ejército Revolucionario. Com cerca de 80 homens, os rebeldes investiram contra um quartel localizado na região litorânea de Uervo, que contava com um efetivo de 53 homens. Do primeiro tiro, dado por Fidel com sua mira telescópica, cortando as comunicações do forte, seguido por uma violenta batalha, até a rendição total dos aquartelados, passaram-se duas horas e quarenta e cinco minutos. Os rebeldes contaram com o fator surpresa e com um efetivo maior, mas os governistas estavam bem protegidos, o que dificultou a conquista e valorizou a vitória. A coragem de ambos os lados foi destacada posteriormente pelos participantes do combate.

Após o término da batalha, os dois lados sofreram grandes baixas, do lado das forças de Fidel, seis homens morreram em combate, dois ficaram gravemente feridos, com a morte de um deles posteriormente, e outros sete se feriram de forma leve. Do lado governista, as perdas foram maiores, 14 mortos, 19 feridos e 14 prisioneiros, além de seis homens que conseguiram fugir. Após tomar as armas e munições dos soldados, os rebeldes partiram deixando os feridos para trás e levando alguns reféns para garantir que não matassem os feridos.

A vitória em Uervo deu aos rebeldes um relativo domínio da região de Sierra Maestra, dando início a uma fase seminômade da guerrilha, propiciando a formação de acampamentos provisórios e da necessidade de menos deslocamentos. A incorporação contínua de camponeses alterou as características da composição da guerrilha. O MR 26 de Julho teve origem na intelectualidade urbana, mas encontrou na humildade do campo ouvido para suas ideias. Os camponeses, por sua vez, cansados de serem reprimidos, encontraram naqueles guerrilheiros a voz para suas súplicas que até então clamavam mudas em seus peitos. A união dessas forças tornou o Ejército Revolucionario forte e

respeitado.

Preocupadas com a repercussão dos combates, as forças de Batista só entrariam em Sierra Maestra se dispusessem de um grande efetivo. Devido às características da região, de difícil acesso, repletas de árvores e terrenos acidentados, um contingente grande como o exército governista tinha de se mover muito lentamente. Acostumados à topografia da região e com uma rede camponesa de informações já consolidada, os rebeldes conseguiam se antecipar às investidas governistas e planejar as ações de ataque e evacuação. Com emboscadas bem armadas, Fidel conseguia com que seus homens encurralassem partes do exército inimigo em regiões inóspitas para um combate aberto e conseguia vitórias contra um efetivo muito maior que o que dispunha sob seu comando. Batista percebeu a manobra e praticamente deixou de operar na região.

Com a região das montanhas praticamente segura, Fidel Castro proclamou o Territorio Libre de La Sierra Maestra e pôs em prática o embrião do que seria o Estado Revolucionário. Criou a Lei da Reforma Agrária, impostos e leis penais. Mandou construir improvisadas escolas, hospitais e oficinas para suprir as necessidades da guerra, especialmente na recarga de cartuchos e na confecção de sapatos. Reuniu outros grupos descontentes com o governo de Batista, especialmente o Directório Revolucionario, e firmou o Pacto de La Sierra, um plano de ação único, visando isolar o governo de Batista e preparar o país para a transição de poder. A esse pacto seguiu-se um segundo, denominado Pacto de Miami, este, entretanto, apenas com as forças opositoras de Batista sem a presença de Fidel. Diferentemente do Pacto de La Sierra, o de Miami, procurando atrair a simpatia do governo norte-americano para a causa revolucionária, não rejeitava a intervenção estrangeira nem a formação de uma junta militar para governar Cuba. A resposta de Fidel a esse pacto foi incisiva:

“Suprimir, no documento de unidade, a declaração expressa de que se rejeita todo o tipo de intervenção estrangeira nos assuntos internos de Cuba é de uma evidente tibieza patriótica e de uma covardia que se denuncia por si só... Se uma junta militar substitui Batista, o Movimento 26 de Julho continuará resolutamente sua campanha de libertação... Nem junta militar, nem governo títere, joguete dos militares.”⁵

A guerra entrou em 1958 ainda indefinida, mas logo importantes acontecimentos determinariam seu rumo. A reviravolta das expectativas seria decisiva para o término da guerra. O acontecimento que deu início ao desfecho da revolução foi uma greve geral tentada para abril de 1958. O rumo dos acontecimentos incentivaria Batista a lançar uma ofensiva contra os guerrilheiros nas montanhas. Entretanto, o fracasso da greve se tornaria sucesso no campo de

batalha e na contraofensiva rebelde o improvável se tornaria possível.

No começo do ano de 1958, os integrantes urbanos do MR 26 de Julho, responsáveis por abastecer os rebeldes nas montanhas, decidiram que a luta deveria deixar o extremo da ilha e se espalhar pelo país, especialmente pelos grandes centros urbanos. Com o enfraquecimento do já frágil governo de Batista, conclamaram uma greve geral para o dia 09 de abril de 1958, visando paralisar o país e trazer a grande massa das cidades para a pressão contra o governo déspota. Nas montanhas, Fidel considerava que ainda não era a hora dessa estratégia, preferia que os combates continuassem até um avanço maior sobre as forças de Batista.

No dia 09, apenas alguns setores em Santiago, Camagüey e Santa Clara tiveram paralisações e ainda assim parciais. Sem o apoio do partido comunista, que tinha forte influência nos sindicatos, e com a informação sendo mantida em segredo até a última hora, muitos trabalhadores sequer souberam da greve. O pior é que, para mobilizar as pessoas, os integrantes do MR 26 de Julho tiveram de sair do anonimato. Um dos principais problemas de Batista estava resolvido sem que ele precisasse ter feito nada. Capturar ou eliminar os integrantes da rede urbana que fornecia recursos para os guerrilheiros nas montanhas se tornou uma tarefa mais fácil e Batista não perdeu tempo. Decidiu que seria a hora do ataque que sufocaria de uma vez por todas o levante rebelde.

Desmantelada a rede urbana do MR 26 de Julho, Batista inferiu que os rebeldes estavam isolados nas montanhas. Dessa vez, aprendendo com as lições anteriores, respeitando a topografia da região e não subestimando o ainda diminuto Ejército Revolucionario, o ditador mandou o que tinha de mais forte para as montanhas. Cerca de 10.000 homens fortemente armados dispostos em 14 batalhões e sete companhias independentes, apoiados por blindados, tendo a cobertura de aviões com bombas napalm e das fragatas da marinha pelo mar, dirigiram-se para a derradeira investida contra Fidel e seus homens na ação batizada de FF (Fase Final ou Fim de Fidel). Um efetivo desse tamanho não poderia ser derrotado por um grupo de pouco mais de trezentos homens. Não poderia, mas foi.

Avisado por sua rede camponesa de proteção do tamanho da ofensiva que teria contra si, Fidel preparou sua estratégia defensiva. Chamou a coluna de Camilo Cienfuegos que estava na região das planícies para reforçar sua base de defesa e procurou ocupar os pontos estratégicos onde poderia ter maior êxito no combate. No dia 05 de maio de 1958 começou a ofensiva de Batista contra os rebeldes que defendiam com eficiência cada palmo da região, conseguindo conter o ímpeto inicial das tropas governistas. A motivação dos que lutavam ao lado de Fidel, e pelo fim da opressão, era muito maior que a dos soldados mal pagos para defender um regime que eles mesmos não acreditavam muito e isso fez toda a diferença nos combates.

A virada decisiva na guerra aconteceu entre 11 e 21 de julho, na batalha de El Jigüe. O batalhão 18 do exército de Batista, um dos melhores, viu-se cercado pelos rebeldes em uma região que se constituiu numa armadilha mortal. Cercados por todos os lados e com o estoque de água e suprimentos no fim, os governistas pediram a ajuda dos aviões, que passaram a bombardear intensamente as imediações de El Jigüe. Sem grandes perdas, os rebeldes apertaram o cerco isolando cada vez mais os governistas. A situação ficou desesperadora para os homens de Batista, que não conseguiram combater de uma posição inferior os rebeldes estrategicamente instalados sobre eles. Pela Rádio Revolucionária, Fidel conclamava os soldados a se renderem e fazia tocar música o restante do tempo para que não dormissem. As forças dos soldados iam se esgotando, sem água, sem provisões e sem poder dormir.

Em meio à batalha, Fidel trocou cartas com o comandante governista, o Major José Quevedo, com quem havia estudado na universidade e a quem considerou um verdadeiro cavalheiro. Castro chegou ainda a conceder uma trégua, quando rebeldes e governistas se confraternizaram. A emoção foi grande e os soldados iam pedir aos rebeldes, principalmente, água e cigarros. Ao perceber que não seriam mortos, começavam a chorar. Muitos posteriormente se juntariam aos rebeldes. Passado esse momento, Fidel exigiu a rendição incondicional dos governistas. O Major José Quevedo, primeiramente, não aceitou, acreditando ainda poder receber reforços, mas no dia 21 de julho de 1958, já completamente exaurido e sem suprimentos, acabou se rendendo.

A vitória foi praticamente o divisor de águas da guerra. A partir desse momento as tropas de Batista, fatigadas e desmoralizadas, começaram a recuar até que em agosto, após 35 dias da derrota em El Jigüe, foram completamente expulsas pelos rebeldes da região de Sierra Maestra, para nunca mais voltarem. Com o final da contraofensiva rebelde, os governistas tiveram mais de mil baixas. Contabilizando mortos e feridos, perderam mais de quinhentas armas modernas, incluindo dois blindados e sofreram inúmeras deserções de soldados que se alinharam ao lado dos guerrilheiros.

Fidel, aproveitando-se dos novos recursos humanos e armamentos adquiridos em abundância junto ao adversário, entendeu que a guerra já estava definida, era apenas uma questão de tempo para a vitória final. A moral e a popularidade do governo estavam em queda livre e, nas cidades, começava-se a formar uma ampla frente nacional contra Batista. Bom estrategista que era, Fidel não poderia esperar o governo se recuperar do baque, fechou um acordo com as forças burguesas que atuavam nas cidades e enviou suas tropas para o ataque, levando, pela primeira vez, um efetivo numeroso para combater fora das montanhas. A ofensiva rebelde seria fulminante.

Ainda no início de agosto, Fidel, que já era o comandante da coluna nº 1, *José Martí*, forma mais duas colunas, a *Antonio Maceo*, comandada por Camilo

Cienfuegos, e a *Ciro Redondo*, comandada por Che Guevara. Invocando os heróis da independência cubana, Castro pretendia repetir a estratégia das Colunas Invasoras do então Ejército Libertador que promoveu, em 1895, uma ofensiva de invasão partindo do oriente até chegar ao ocidente da ilha. Mesmo com um efetivo reduzido, cerca de 230 homens nas duas colunas, elas partiram para enfrentar os governistas longe da proteção das montanhas.

A Coluna *José Martí* partiu em direção à província do oriente, visando cercar Santiago de Cuba. Raúl Castro, no comando da II Frente Oriental Frank País, deveria dar retaguarda e apoio a Fidel nessa empreitada. Che e, posteriormente Camilo Cienfuegos, iniciaram uma ofensiva para tomar Santa Clara, no centro da ilha. Em 05 de outubro de 1958, invadiram Camagüey e Las Vilas. À medida que avançavam, recebiam centenas de voluntários para se juntarem à luta. A massa rebelde avançava sem grande resistência sobre as forças de Batista, que agora concentraria suas forças para defender as cidades. Sua última tentativa para salvar o governo foi, por sugestão norte-americana, a convocação de eleições para novembro. Porém, com ações de boicote da guerrilha em ações específicas e pronunciamentos da rádio rebelde orientando a população a não comparecer às urnas, a abstenção chegou a quase 70%, frustrando as intenções de Batista.

Em novembro e dezembro, intensos combates ocorreram para a tomada de Santiago e Santa Clara. Em 20 de dezembro, Fidel tomou a cidade de Palma de Soriano, fechando o cerco contra Santiago. Em 30 de dezembro, Che tomou a cidade de Santa Clara com uma estratégia interessante. Batista havia enviado um trem blindado repleto de homens fortemente armados para reforçar o efetivo que estava na cidade, eram cerca de 3.500 homens contra apenas 340 rebeldes. Após violentos combates, os soldados que lutavam nas ruas procuraram abrigo dentro do trem blindado, que partiu em marcha ré, buscando de uma melhor posição para fugir dos ataques rebeldes e preparar uma nova ofensiva. Che, entretanto, havia mandado retirar os trilhos atrás do trem, causando seu descarrilhamento. Do alto das colinas que margeavam a ferrovia, os rebeldes lançavam coquetéis *molotov* sobre o trem, transformando-o num imenso forno a céu aberto. Sem terem para onde fugir, os soldados se entregaram, deixando todo seu armamento para os rebeldes. Com o apoio da população, a tomada do restante da cidade se deu no mesmo dia.

A vitória em Santa Clara dividia o país em dois, com praticamente todo o oriente na mão dos rebeldes. Nos primeiros minutos do dia 1º de janeiro de 1959, Batista, encurralado, percebeu que a derrota era inevitável, assinou sua renúncia e fugiu do país levando sua família para São Domingos, na República Dominicana. Havia acabado o regime do ditador, que antes de partir passou a presidência a Carlos Manuel Piedra e o comando das forças armadas ao general Cantillo. Fidel convocou, pela rádio rebelde, uma greve geral para o dia 02 de janeiro de 1959 e ordenou que Che e Cienfuegos marchassem em direção a

Havana enquanto ele próprio entrava triunfante em Santiago, já sem nenhum sinal de resistência e em meio a uma grande comoção popular. Todos queriam ver a chegada do comandante que derrubou a ditadura.

Che e Cienfuegos também não encontraram resistência para chegar em Havana e ocuparam, respectivamente, os quartéis de La Cabaña e Columbia, preparando a estrutura para a chegada triunfante de Fidel. Apenas no dia 08 de janeiro de 1959, Castro conseguiu chegar a Havana, tamanha foram as manifestações de populares durante seu trajeto de Santiago até lá. Em cada cidade que passava, Fidel era obrigado a discursar e em Havana não foi diferente. Diante de uma verdadeira multidão, ele disse emocionado:

“Realmente, nada más me falta algo... Si supieran, que cuando me reúno con el pueblo se me quita el sueño, el hambre; todo se me quita. ¿A ustedes también se les quita el sueño, verdad? Lo importante, o lo que me hace falta por decirles, es que yo creo que los actos del pueblo de la Habana hoy, las concentraciones multitudinarias de hoy, esa muchedumbre de kilómetros de largo – porque esto ha sido asombroso, ustedes lo vieron; saldrá en las películas, en las fotografías –, yo creo que, sinceramente, ha sido una exageración del pueblo, porque es mucho más de lo que nosotros merecemos.

Sé, además, que nunca más en nuestras vidas volveremos a presenciar una muchedumbre semejante, excepto en otra ocasión – en que estoy seguro de que se van a volver a reunir las muchedumbres –, y es el día en que muramos, porque nosotros, cuando nos tengan que llevar a la tumba, ese día, se volverá a reunir tanta gente como hoy, porque nosotros. ¡Jamás defraudaremos a nuestro pueblo!”

Naquele momento, Fidel Castro era um dos homens mais admirados no mundo. Visto como um abnegado, idealista, que não teve medo de arriscar a própria vida e fazer uma revolução. O povo cubano o tinha como libertador. Apenas o governo dos Estados Unidos da América preocupava-se em perder o amplo domínio que exercia sobre a ilha. Era o começo da animosidade entre os países, ainda em fase embrionária. Com a vitória na revolução, restava a Fidel re-estruturar seu país e compor o novo governo. Muito trabalho haveria de ser feito.

1 GUEVARA, Ernesto Che. *Revolução Cubana: Passagens da Guerra Revolucionária*. São Paulo: Edições Populares, 1987.

2 RAMONET, Ignacio. *Fidel Castro: Biografia a Duas Vozes*. ob. cit.

3 SZULC, Tad. *Fidel: um Retrato Crítico*. ob. cit.

4 PÊCHEUR, Julie. “Como o New York Times inventou Fidel Castro”, extraído de: <http://www.blog.br/politica/como-o-new-york-times-inventou-fidel-castro>.

5 CASTRO, Fidel. “Manifesto em la Sierra”, *La Revolución Cubana 1953-1962*.

Rio Piedras: Editorial Era, 1958.

VI

Consolidando um regime – “Pátria ou Morte!”

Fidel Castro, a despeito de todo o clamor da população, não passou, logo de imediato, a governar Cuba. Nomeou, como presidente do governo provisório, Manuel Urrutia, dando-lhe ampla liberdade para nomear o primeiro-ministro. Para si conservou o cargo de comandante-em-chefe das forças do Ejército Revolucionario. Che Guevara foi nomeado comandante militar de Havana, instalando-se no quartel de Las Cabanas e Raúl Castro, comandante militar de Santiago de Cuba, ocupando o emblemático quartel de Moncada.

Manuel Urrutia escolheu para seu primeiro-ministro, José Miró Cardona. Os Estados Unidos viam com bons olhos que o poder não ficasse na mão de representantes diretos do MR 26 de Julho, especialmente de seu comandante Fidel Castro, dada sua aversão pública e notória das políticas e interesses adotados pelos norte-americanos para a ilha. Com um governo mais de direita e conservador, ligado às classes burguesas, seria mais fácil conseguir recuperar sua influência e permanecer com sua forte posição em Cuba. Contando com isso, os Estados Unidos são o segundo país a reconhecer o novo regime, logo depois da Venezuela. No entanto, nem Fidel, nem a população mais pobre, pretendiam continuar sob a forte dominação norteamericana que vinha se perpetuando desde a independência cubana.

No dia 07 de fevereiro de 1959, os poderes do presidente Urrutia são esvaziados com a alteração da Constituição cubana. Sua função foi reduzida, praticamente, à assinatura de leis. O poder se concentraria quase que em sua totalidade nas mãos do primeiro-ministro. Praticamente uma semana depois, no dia 13, José Miró Cardona é demitido do cargo e Fidel Castro é nomeado primeiro-ministro cubano. Seis semanas após o triunfo da revolução, Fidel assume o comando da ilha sob forte apoio popular.

Em tribunais populares, conhecidos como tribunais revolucionários, os colaboradores de Batista, isto é, os que cometeram as atrocidades contra o povo cubano no regime anterior, foram julgados e muitos condenados à morte. A maior parte das execuções ficaram a cargo de Che Guevara no quartel de Las Cabanas. O governo norte-americano aproveitou para enviar fortes protestos contra os julgamentos.

A essa época o ator norte-americano Errol Flynn, que estava em Cuba, registrou, em forma de um rústico documentário, alguns dos importantes acontecimentos pós-revolução, dentre eles os julgamentos dos criminosos que

serviam a Batista, inclusive mostrando o fuzilamento de um deles. O registro mostrou que os julgamentos eram abertos ao público e aos órgãos de imprensa nacionais e internacionais, com direito a defesa por parte dos acusados, o que geralmente não ocorria nos julgamentos do governo anterior. O questionamento dos rebeldes era porque não havia protestos norte-americanos quando Batista mandava simplesmente eliminar seus adversários políticos. O documentário de Errol Flynn, proibido em muitos países capitalistas por quase cinquenta anos, chama-se *A Revolução*.

Os primeiros sinais de estremecimento das relações entre Cuba e os Estados Unidos começavam a aparecer. A imprensa norte-americana desenhava um irreal banho de sangue em Cuba, sob o título de Paredón. A intenção era atrair a opinião pública para destituição de Fidel Castro do poder. O comandante, por sua vez, surpreendeu a todos em Cuba e, em abril de 1959, foi visitar os Estados Unidos informalmente, aproveitando-se de um convite da American Society of Newspaper Editors. A postura em território americano continuou a mesma. A recusa em aceitar ajuda financeira americana para a reconstrução do país no pós-guerra, fazia-se necessária para não ficar devendo favores e ter de retribuir posteriormente. A intenção de Fidel era mostrar que a relação entre os dois países deveria ser de igual para igual e não mais um tratamento entre o império e sua colônia.

Em 17 de maio de 1959, nas atribuições de primeiro-ministro, Fidel desfez o primeiro grande golpe contra os interesses norte-americanos na ilha, assinando a Lei de Reforma Agrária. O objetivo de Fidel era claro: devolver as terras aos camponeses que tanto o ajudaram na campanha revolucionária e diminuir o poder concentrado nos grandes monopólios de terra. Pela Lei, o máximo que uma propriedade rural poderia alcançar seriam 30 caballerías, ou seja, o correspondente a 402 hectares. Esse limite poderia chegar até a 100 caballerías (1.342 hectares), em caso de terras cultivadas com cana-de-açúcar que apresentassem uma produtividade 50% superior à média nacional, ou destinadas à pecuária, que possuissem um número mínimo de cabeças de gado por caballería a ser definido pelo recém-criado Instituto Nacional de Reforma Agrária (INRA).

As empresas norte-americanas eram proprietárias de algo em torno de 25% das melhores terras em Cuba, geralmente latifúndios, e foram profundamente atingidas pela Lei. As terras da família de Fidel foram as primeiras a serem desapropriadas, para demonstrar a seriedade da Lei. Com uma grande concentração de terra acima de 30 caballerías nas mãos da classe dominante cubana e das empresas estadunidenses, era de se esperar uma revolta dos poderosos contra o governo Castro. Após a divisão de algumas terras em regiões onde a pequena produção camponesa poderia funcionar, especialmente em terras já ocupadas por camponeses ou próximas a eles, o governo passou a

controlar cerca de 40% das terras agrícolas. A intenção era não desarticular o sistema produtivo.

A produção de cana-de-açúcar era o principal produto de exportação de Cuba e os Estados Unidos o principal comprador. O sistema monoexportador açucareiro era difícil de ser mudado, mas a parcela produtiva dele, a partir daquele momento passava, em boa parte, nas mãos do governo e dos pequenos proprietários. Fidel ganhava poder econômico para estender o alcance de suas reformas. A luta de classes deu o contorno do que seria a disputa política no novo governo. Pela primeira vez os setores mais pobres da população ganhavam um aliado de peso, o Governo Provisório. O país que surgiria dessa combinação não teria parâmetro em nenhum outro na América Latina a qualquer tempo.

O presidente provisório Manuel Urrutia, representante da classe dominante, não estava satisfeito em ter seus poderes limitados às assinaturas de leis e como forma de reagir a isso passou a se ausentar das reuniões, ocasionando o retardamento nas assinaturas. A proximidade de Fidel com Che Guevara, a quem muitos chamavam de “comunista argentino”, as desapropriações de terra e o rumo com que Castro estava conduzindo as mudanças no governo, deixavam a classe dominante em pânico com relação ao futuro da ilha. Urrutia fazia seguidas declarações anticomunistas, inclusive em discursos pela televisão, com insinuações e acusações quase que diretas a Castro. Fidel divulgou então sua renúncia do cargo de primeiro-ministro no dia 16 de julho de 1959. No dia seguinte, foi a público para esclarecer os motivos de sua renúncia.

Os meios de comunicação transmitiram o discurso de Fidel, que durou cerca de duas horas. Antes do seu término, Manuel Urrutia já não era mais presidente cubano. Ele pediu sua renúncia após Fidel acusá-lo de criar uma lenda comunista em Cuba, no intuito de justificar um ataque militar internacional a Cuba e de atravancar o desenvolvimento do país, impedindo de forma sistemática a aprovação das leis necessárias à revolução. Urrutia deixou o governo em meio a manifestações populares de apoio a Fidel e contra sua permanência no cargo. O conselho de ministros nomeou Osvaldo Dorticós como novo presidente provisório.

No dia 23 de julho de 1959, uma greve geral, organizada pelos sindicatos de trabalhadores, paralisou o país por uma hora, pedindo o retorno de Fidel ao cargo de primeiro-ministro. Em 26 de julho de 1959, exatos seis anos após a tentativa de tomada de poder com o assalto ao quartel de Moncada, Fidel ouviu o apelo de uma multidão de mais de um milhão de cubanos em Havana, retornou a seu cargo e voltou a governar Cuba. Só deixaria o comando quase 49 anos depois.

Reconduzido ao poder “pelos braços do povo”, Fidel demonstrava uma enorme influência sobre a população de seu país, talvez só comparada às figuras de outras duas personagens históricas do século XX. Hitler, na Alemanha nazista pré-2ª guerra mundial, e Churchill, na Inglaterra pós-2ª guerra. O rompimento

com a elite cubana e a quase certeza do governo norte-americano em um não-entendimento com o governo revolucionário em Cuba resultou em uma série de ataques e boicotes ao novo regime. Fidel sabia que para manter sua revolução seria preciso o apoio maciço da população, inclusive e, especialmente, sob a forma de milícias armadas.

As Milícias Nacionales Revolucionarias foram criadas em 26 de outubro de 1959 e já no primeiro semestre de 1960 contavam com cerca de 500 mil membros. Fidel tinha os homens, faltavam as armas. Os Estados Unidos, a essa altura completamente contra o governo revolucionário, pressionavam os fornecedores de armas a não venderem qualquer tipo de equipamento militar a Cuba. No auge da “Guerra Fria” os países alinhados com os norte-americanos cumpriam à risca as determinações. Com muita dificuldade, Castro conseguiu comprar alguns armamentos belgas que seriam entregues em março de 1960.

O cargueiro francês La Coubre atracou no porto de Havana no dia 04 de março de 1960, com munições e explosivos vindos da Bélgica. Um pouco depois das cinco horas da tarde uma violenta explosão no navio fez a cidade de Havana tremer. Bombeiros, soldados e voluntários se deslocaram para socorrer os marinheiros e estivadores feridos. Treze minutos após a primeira explosão, uma segunda explosão de mesma intensidade acabou por tirar a vida de mais pessoas. As evidências de uma sabotagem norte-americana eram enormes e Fidel não deixaria o episódio passar em branco. Àquela altura, qualquer conciliação entre os dois países já era impossível.

O dia seguinte ao da explosão pode ser considerado histórico por dois motivos. O primeiro é que a foto mais famosa de Che Guevara, com o olhar fixo e determinados e os cabelos desalinhados sob a boina revolucionária, foi tirada por Alberto Korda durante a cerimônia fúnebre em homenagem às vítimas do La Coubre. O segundo motivo foi que nessa mesma cerimônia Fidel pronunciaria pela primeira vez o bordão revolucionário “Pátria ou Morte!” que encerraria a maioria dos seus discursos a partir de então. Abaixo, um trecho desse pronunciamento histórico:

“Y no solo que sabremos resistir a cualquier agresión, sino que sabremos vencer cualquier agresión, y que nuevamente no tendríamos otra disyuntiva a aquella com que iniciamos la lucha revolucionaria: la de libertad o la muerte. Solo que ahora libertad quiere decir algo más todavía: libertad quiere decir patria. Y la disyuntiva nuestra sera: Patria o Muerte!”¹

Em 17 de março de 1960, foi aprovado pelo presidente americano Eisenhower um programa de ação encoberta contra o regime de Fidel Castro cuja maior finalidade era derrubar o Governo Revolucionário. Inúmeras ações nesse sentido foram tomadas, desde uma campanha na imprensa visando isolar Cuba até

planos de assassinar Fidel, usando elementos da máfia norte-americana para isso. Porém, foi no plano econômico que a disputa se apresentou mais evidente.

Em maio de 1960, Cuba resolveu importar petróleo soviético, mais barato e que era trocado diretamente por açúcar. As três refinarias instaladas em Cuba, duas americanas e uma inglesa, recusaram-se a processar o petróleo soviético. Diante do impasse, Fidel resolveu o problema nacionalizando as refinarias, no dia 29 de junho de 1960. Os Estados Unidos responderam suspendendo a quota açucareira que importavam de Cuba, inclusive o que ainda faltava importar no ano. Um pouco antes da medida norte-americana, havia advertido que se cortassem a quota de importação de açúcar, os Estados Unidos poderiam perder todos os investimentos em Cuba.

O governo soviético se comprometeu a comprar toda a safra cubana de açúcar de 1960, o que enfureceu os norte-americanos. No sétimo aniversário do assalto ao Moncada, o gabinete cubano aprovou a conhecida Lei do Facão, que foi implantada em 06 de agosto de 1960. Por ela, centrais processadoras de açúcar, companhias elétricas e telefônicas, além das ferrovias, foram desapropriadas. Cuba se afastava cada vez mais de um regime capitalista para uma participação cada vez maior do Estado na economia.

Enquanto os Estados Unidos trabalhavam para isolar o Governo Revolucionário, representantes da burguesia cubana que ainda mantinham suas posses em Cuba paralisavam sua produção e fugiam para Miami, esperando a queda de Fidel para poderem voltar a produzir. Mais uma vez Castro mostrou sua determinação em defender o regime e procedeu ao segundo processo de nacionalização em 13 de outubro de 1960, intervindo em praticamente todas as empresas e indústrias cubanas. Com a conclusão desse processo, Fidel cumpria sua promessa e controlava todas as empresas norte-americanas em Cuba.

As mudanças foram radicais. “A nacionalização de outubro de 1960 aprofundou o processo a tal ponto que, a partir de então, passaram a pertencer ao Estado 95% da indústria, 98% da construção, 95% do transporte, 70% da agricultura, 75% do comércio a varejo e 100% do comércio de atacado.”² A retaliação norte-americana foi definitiva. No dia 18 de outubro de 1960, o embaixador dos Estados Unidos deixa Cuba e no dia seguinte é implantado o embargo econômico a Cuba que perdura até os dias atuais. Por ele, estava proibida toda a exportação que tivesse destino à ilha cubana, à exceção de gêneros alimentícios não subsidiados e materiais cirúrgicos. No dia 03 de janeiro de 1961, os Estados Unidos da América rompem relações diplomáticas com Cuba.

Um grande caminho para tornar Cuba uma nação socialista havia sido percorrido. Fidel Castro enfrentava os interesses norte-americanos com a mesma disposição da época da guerrilha. Tinha um grande apoio da população mais pobre e a coragem de resistir a qualquer agressão a Cuba. A burguesia e os

antigos detentores dos meios de produção cubanos se organizavam para reaver suas posses e, com o apoio dos Estados Unidos, preparavam uma contraofensiva ao Governo Revolucionário.

O gigante norte-americano teve seu orgulho ferido e voltaria toda a sua força contra aquela pequena ilha. A intenção era retomar um território perdido. Não seria possível resistir a tamanha força. Para enfrentar o poderio do vizinho gigante, maior potência militar e econômica mundial, estava uma população rural e semianalfabeta e à frente dela um comandante decidido. Isso não seria suficiente, não fosse esse mesmo comandante o responsável por derrotar 80.000 soldados de um exército regular, contando, em dado momento, com apenas 15 homens.

1 Texto retirado do link

http://www.galizacig.com/actualidade/200110/lainsignia_o_nacionalismo_na_revol

2 ALTMANN, Werner. *México e Cuba, Revolução, Nacionalismo, Política Externa*. São Leopoldo: Unisinos, 2001.

VII

Resistindo a ameaças e consolidando um sonho

O ano de 1961 começava com uma série de desafios ao novo regime. Após romper relações com Cuba, os Estados Unidos pretendiam retomar o controle da ilha, financiando e treinando grupos armados de cubanos exilados interessados em derrubar o Governo Revolucionário. No dia 05 de janeiro de 1961, apenas dois dias após o rompimento de relações, um jovem voluntário que atuava como alfabetizador foi assassinado por grupos financiados pela CIA. A comoção causada no país com a morte de um jovem de 16 anos fez Fidel eleger o ano de 1961 como o ano da alfabetização. Foram criadas as Brigadas Conrado Benítez, em homenagem ao jovem assassinado.

A mobilização popular em prol da alfabetização arrastou 105.664 pessoas a se inscreverem nas brigadas. Uma legião de voluntários, em sua maioria estudantes, percorreu o país dizimando as taxas de analfabetismo, que antes do Governo Revolucionário chegavam a mais de 40%. Em pouco tempo, com o esforço dos brigadistas, chegariam a níveis próximos de zero. A resposta da população aos apelos de Fidel se mostrou um apoio espetacular à revolução. Em pouco tempo, Fidel precisaria desse apoio também no campo militar.

Na Guatemala, uma brigada de exilados contrarrevolucionários era treinada pela CIA para um ataque a Cuba. O plano, desenvolvido no governo de Eisenhower, era desembarcar uma quantidade grande de contrarrevolucionários na Baía dos Porcos e formar ali um governo em armas, que seria liderado pelo antigo primeiro-ministro, José Miró Cardona. Imediatamente o novo Governo seria reconhecido pelos Estados Unidos e poderia pedir uma intervenção militar oficial. Caso conseguissem se estabelecer, todo o poderio bélico norte-americano estaria à disposição dos contrarrevolucionários e um banho de sangue dificilmente seria evitado em Cuba.

À frente dos Estados Unidos estava, naquele momento, John Fitzgerald Kennedy, um jovem e popular presidente que sucedia a Eisenhower. A política em relação a Cuba, entretanto, não mudava. Era primordial afastar a possibilidade de uma nação socialista se instalar na América Latina, especialmente a poucos quilômetros dos Estados Unidos. O ímpeto, inerente à juventude do presidente, demonstraria o quanto ele estava decidido, mas ele vacilaria em dar ordens importantes e que poderiam significar grandes catástrofes. Fidel, também um líder jovem, já havia demonstrado do que era capaz, mas em pouco tempo Kennedy sentiria a pressão de perder noites de sono

por causa do comandante cubano.

No dia 15 de abril de 1961, aviões B-26 vindos da Nicarágua bombardearam as três únicas bases aéreas de Cuba, com o objetivo de aniquilar a pequena força aérea cubana e garantir a supremacia aérea no desembarque dos contrarrevolucionários. O sacrifício dos jovens que manejavam as baterias antiaéreas evitou a destruição total das aeronaves cubanas. A perda de vidas foi grande, especialmente na base aérea de Ciudad Libertad, localizada próxima a uma região densamente povoada. Eduardo Garcia Delgado, um dos jovens que perderam a vida defendendo as bases aéreas, um pouco antes de morrer, enquanto agonizava, escreveu no muro, com o próprio sangue, um emblemático nome: Fidel. Era o resumo mórbido de como a população estava fechada com seu comandante-em-chefe.

Os Estados Unidos divulgaram na imprensa que o ataque havia sido comandado por pilotos que desertaram das forças armadas revolucionárias, mas fotos mostraram que a proa dos aviões era diferente dos herdados pelo Governo Revolucionário. Com a farsa descoberta e denunciada no comitê político da Assembleia Geral da ONU, novos ataques contra o que restava da diminuta força aérea cubana foram abandonados por poderem evidenciar uma participação direta norte-americana nos assuntos cubanos. No dia seguinte ao ataque, durante as cerimônias fúnebres, Fidel discursou e acusou de covarde a intervenção estadunidense. Ele disse: “Quando os japoneses atacaram Pearl Harbor, assumiram a responsabilidade, estes senhores não”. O discurso, de forte cunho patriótico, é considerado histórico porque revelou pela primeira vez a natureza socialista da revolução:

“Porque o que os imperialistas não conseguem perdoar é que estejamos aqui, o que os imperialistas não conseguem perdoar é a dignidade, a integridade, o valor, a firmeza ideológica, o espírito de sacrifício e o espírito revolucionário do povo de Cuba. Isso é o que não podem nos perdoar, que estejamos aí no seu nariz, e que tenhamos feito uma Revolução Socialista no próprio nariz dos Estados Unidos... E que defenderemos com nossos fuzis esta Revolução Socialista... Com o valor com que ontem nossas defesas antiaéreas crivaram à bala os aviões agressores... Esta é uma Revolução Socialista e Democrática dos humildes... Não vacilaremos, frente a quem quer que seja, em defendê-la até a última gota de sangue.”¹

Na madrugada do dia 17 de abril de 1961, apenas dois dias após o ataque contra as bases aéreas, começou o desembarque da maioria dos 1.500 contrarrevolucionários em Playa Girón, na Baía dos Porcos, a cerca de 200 km da capital, Havana. Aproveitando-se da escuridão da noite, conseguiram desembarcar sem maiores problemas. Apenas no começo da manhã o governo rebelde reagiu ao ataque. Os oito aviões que restaram em Cuba decolaram para

o combate. Como os estrategistas da CIA não contavam que fosse restar algum avião em condições de combater do lado de Fidel, as defesas antiaéreas eram insuficientes para repelir o ataque. O resultado foi a perda de dois cargueiros cheios de suprimentos e equipamentos para os contrarrevolucionários, que, com o recuo dos demais navios, ficavam ilhados a partir daquele momento.

Os aviões que apoiavam o desembarque contrarrebeldes também foram atacados e nas batalhas aéreas os dois lados perderam suas aeronaves. Os cubanos invasores ficaram sem o apoio aéreo e Cuba sem qualquer condição de defender seu espaço aéreo em caso de uma invasão norte-americana. A invasão prosseguia em terra com os contrarrevolucionários espremidos nas praias Girón e Larga e milhares de soldados, milicianos e voluntários se deslocando de diversas partes do país em direção à região do confronto para defender o Governo Revolucionário. O próprio Fidel se deslocou para a região para comandar pessoalmente o temido Ejército Revolucionario.

Começava ali uma dramática luta entre cubanos. Como o que separava aqueles homens estava no campo ideológico, em cada um dos lados havia algo que os combatentes julgavam justo. Os combates foram intensos e violentos, os homens lutavam por acharem estar se sacrificando pelo melhor do seu país. Isso dos dois lados. Entretanto, naquele momento, a imensa maioria de cubanos estava do lado de Fidel. A favor dos contrarrevolucionários estava o tempo. Se conseguissem se estabelecer na região, teriam o apoio do maior exército do mundo, poderiam retomar facilmente o poder e restabelecer um governo amigo dos Estados Unidos, sufocando qualquer grito por mudanças mais profundas.

Embora a cada dia mais numerosos, os homens leais a Fidel sabiam que o tempo corria contra eles. Era preciso esmagar o levante, pois, a qualquer momento, uma intervenção direta norte-americana poderia acontecer. Como ao lado das praias o terreno era de mangue, a única opção de ataque era frontal. Os contrarrevolucionários defendiam suas posições, mas eram comprimidos no litoral por sucessivas ondas de ataque da infantaria cubana. Esperavam que os Estados Unidos enviassem reforços e se envolvessem diretamente no conflito. No dia seguinte, aviões norte-americanos sobrevoaram a região do combate, exaltando os ânimos nos dois lados do combate, mas a ajuda esperada não veio.

Ainda no dia 18 de abril de 1961, os contrarrevolucionários começaram a dar sinais de que não conseguiriam defender suas posições, começaram a recuar e foram derrotados definitivamente na praia Larga. Concentrados na praia Girón, os contrarrevolucionários, já conscientes da derrota, aguentaram resistir por mais um dia, mas finalmente se renderam no dia 19 de abril de 1961. Fidel resumiu posteriormente como enxergou esse ataque:

“Kennedy vacilava e, no final, diante das dificuldades dos invasores da Playa Girón, decidiu lhes dar um apoio aéreo, mas quando foram fazer isso já não havia

mercenários, porque em 68 horas o nosso contra-ataque liquidou completamente aquela expedição. Uma dura derrota para o império. E uma grande humilhação.”²

A incrível participação do povo cubano nos combates evidenciou que Cuba havia se tornado uma nação em armas, disposta a defender sua soberania a qualquer custo e seguir seu comandante em qualquer combate. Fidel Castro personificava aquele sentimento nacionalista insurgente. O intuito norte-americano era de evidenciar um descontentamento do povo cubano com o governo socialista, mas o que se viu foi justamente o oposto. A união da população com a liderança revolucionária se estreitou e dificultou uma justificativa para uma intervenção militar direta dos Estados Unidos na ilha, entretanto, após o fracasso da operação com os cubanos contrarrevolucionários, esse parecia ser o único modo de conseguir derrubar o regime socialista.

Fidel, após a vitória, aparecia como um líder incontestável e, a consolidação do regime, traria à tona um importante aliado cubano. Em tempos de Guerra Fria, ao mesmo tempo em que o caráter socialista da revolução cubana afastou o país dos Estados Unidos, aproximou-o da União Soviética. Para costurar as relações entre Cuba e União Soviética, Castro designou Che Guevara. O argentino, desde o começo de 1960, vinha recebendo autoridades soviéticas em Cuba e visitou, oficialmente, a União Soviética duas vezes, uma delas, inclusive, ficando ao lado do presidente Nikita Krushev durante as comemorações do 43º aniversário da Revolução Russa. Ainda no dia 18 de abril de 1961, ou seja, antes do desfecho da invasão à Baía dos Porcos, o presidente soviético afirmou: “Daremos ao povo cubano e a seu governo toda a assistência necessária para repelir um ataque armado contra Cuba.”³ A relação entre as duas superpotências se acirraria ainda mais nos anos seguintes.

Resquícios de resistência ao governo de Fidel ainda ficariam na região da serra de Escambray, mas o iminente ataque ao regime havia sido afastado. O clima em Cuba era de uma relativa tranquilidade e propício para seguir com as reformas estruturais que precisavam ser feitas. O que se viu durante os anos de 1961 e 1962 foi uma profunda mudança na ilha. Luxuosos hotéis se transformando em dormitório de estudantes; construções e automóveis se deteriorando; uma rede de saneamento básico sendo montada, especialmente nas regiões rurais; aumento no número de inscritos nos cursos de medicina e engenharia em detrimento do curso de direito; multiplicação de frentes populares de alfabetização e de reconstrução; entre outras inúmeras mudanças. Aos poucos, Cuba ia apagando sua imponente modernidade capitalista dos tempos de Fulgencio Batista.

Kennedy e os Estados Unidos refaziam sua estratégia contra Fidel Castro. Diante da evidência do grande apoio militar à revolução, um ataque militar direto

ceifaria a vida de muitos cubanos, o melhor seria isolar e enfraquecer o regime socialista na ilha até obter apoio popular em Cuba para a derrubada desse regime. A operação *Mongoose*, no início de 1962, tinha como objetivo primeiro fazer com que todos os países do continente americano rompessem relações com Cuba, para que comesçassem a faltar bens de primeira necessidade e o povo cubano sentisse falta do conforto perdido. O primeiro passo foi expulsar Cuba da Organização dos Estados Americanos (OEA), em 31 de janeiro de 1962. Logo em seguida, todos os países da América Latina romperam relações diplomáticas e econômicas com Cuba, à exceção do México.

Isolado no continente, Fidel teve a clara percepção que precisaria dispor de todo o apoio militar para defender sua revolução, uma vez que para erradicar o socialismo de toda a América, não demoraria um ataque direto norte-americano contra a ilha. A União Soviética, ao contrário dos Estados Unidos, não queria perder a oportunidade de ter um aliado tão próximo do seu maior inimigo. A união dos interesses cubanos e soviéticos deu início a uma das principais crises mundiais do século XX. A pequena ilha caribenha já havia ganhado notoriedade com a Revolução Socialista, mas se tornaria o centro das atenções mundiais ao se tornar pivô de uma crise internacional, que seria o mais próximo de uma guerra nuclear que a humanidade já viveu.

A crise dos mísseis de outubro de 1962 foi resultado da disputa entre duas doutrinas e especialmente da contenda entre os dois maiores representantes do capitalismo e do comunismo. Estados Unidos e União Soviética se provocavam em vários campos, desde o esportivo até o espacial, mas, definitivamente, o mais perigoso para o planeta era a disputa no campo militar. As superpotências promoveram uma verdadeira corrida armamentista nuclear como forma de defender seus interesses e fazer propaganda de seus regimes. Cuba, por sua posição geográfica e Fidel Castro, por sua doutrina política, passaram a ser o centro desse delicado jogo de interesses.

As negociações entre cubanos e soviéticos tiveram início em 29 de maio de 1962. Para que Cuba pudesse se defender de uma possível agressão direta americana algumas armas foram enviadas à ilha, dentre elas 42 mísseis nucleares de médio alcance. Cerca de 43 mil soldados soviéticos foram enviados a Cuba demonstrando que um ataque direto à ilha seria um ataque à União Soviética. Os Estados Unidos, preocupados com a movimentação em Cuba, intensificaram as violações ao espaço aéreo cubano, no intuito de descobrir alguma movimentação militar. No dia 16 de outubro de 1962, o presidente Kennedy foi informado que uma aeronave norte-americana fotografou os silos de lançamento dos mísseis soviéticos. Caso os silos ficassem prontos, os mísseis poderiam ser lançados de Cuba e atingir as principais cidades estadunidenses em questão de minutos. Aquela situação seria inadmissível. Era o início da crise dos mísseis.

Decretando estado de alerta máximo, os Estados Unidos se preparavam para a guerra. Força Aérea e Marinha foram deslocadas e concentradas na Flórida. Cerca de 16 mil soldados se puseram de prontidão na base naval de Guantánamo. No dia 21 de outubro de 1962, todo o poderio militar norte-americano estava de prontidão para um iminente ataque a Cuba. Na ilha, soou o alarme para a população se preparar para o combate em defesa da revolução. “Enquanto a população civil estadunidense pateticamente procurava proteger-se em buracos abertos às pressas em seus quintais, a população cubana marchava para seus postos de combate”.⁴

Estados Unidos e União Soviética dispuseram as peças no delicado tabuleiro da guerra e a tensão aumentava a cada dia. Justificando as manobras militares ao povo americano, Kennedy fez, no dia 22 de outubro de 1962, um dos mais duros discursos de seu mandato e deu ao país a explicação esperada. O presidente informou que a União Soviética havia mentido aos Estados Unidos ao dizer que as bases serviriam apenas para defesa e o que começaram a construir foram bases de mísseis ofensivos em Cuba. Kennedy ainda anunciou que imporá a Cuba um completo bloqueio naval e aéreo, para impedir o embarque de mais equipamento militar. Exigiu a retirada de todas as armas ofensivas soviéticas da ilha, e, por fim, ameaçou a União Soviética de retaliação, caso os mísseis fossem lançados de Cuba contra qualquer país das Américas.

Durante treze dias o mundo viveria a iminente possibilidade de uma guerra nuclear. Os navios soviéticos, com mais armamentos e escoltados por submarinos nucleares, avançavam em direção a Cuba, rumo a um confronto com a marinha americana que estava de prontidão. No plano diplomático, nem Kennedy nem Krushev pareciam dar sinais de recuar. O campo de negociações era a ONU e discussões calorosas e contundentes entre os diplomatas soviéticos e norte-americanos começaram a dar sinais que uma solução pacífica poderia finalmente acontecer. No dia 25 de outubro de 1962, o embaixador americano, Adlai Stevenson, apresentou ao Conselho de Segurança da ONU as provas da instalação dos mísseis em Cuba. A contundente exposição de Stevenson fez o embaixador soviético, Valerian Zorin, abaixar o tom de seu discurso, que fora até então pautado na não-existência dos mísseis.

Fidel Castro, que habilmente havia conseguido o respaldo de uma potência nuclear para sua revolução, mobilizava a população cubana para defender a ilha. Ele sabia que não poderia mais recuar. Se fraquejasse, perderia o apoio soviético e abriria caminho para os Estados Unidos invadirem a ilha que lhe causava tantas dores de cabeça. Sua postura firme garantiu a sobrevivência da revolução. Dentro dessa linha, autorizou sua defesa antiaérea a abrir fogo contra qualquer aeronave norte-americana que fosse avistada sobre a ilha. Enquanto isso, as bases continuavam a ser construídas a toque de caixa.

No dia 26 de outubro de 1962, um navio soviético, o *Marcula*, ultrapassou a

linha do bloqueio naval e entrou na chamada área de quarentena. O navio foi parado e inspecionado pelos americanos, porém, dentro do Marculá, havia apenas um carregamento de papel. A tensão era evidente. No mesmo dia, uma inesperada carta de Krushev chegava a Kennedy com uma proposta simples: se os Estados Unidos se comprometessem a não atacar Cuba, os soviéticos retirariam todos os mísseis de médio alcance da ilha e ordenariam sua esquadra a dar meia-volta.

O dia em que a humanidade esteve mais perto de uma guerra nuclear foi 27 de outubro de 1962. Nesse sábado, seguindo as ordens de Fidel, uma aeronave norte-americana foi abatida por um míssil antiaéreo soviético, após violar o espaço aéreo cubano, em busca de novas provas de instalação de silos de lançamento dos mísseis. O major Rudolph Anderson, que pilotava o avião, foi a primeira e única vítima da crise. Uma segunda e mais ríspida carta de Krushev chegou a Kennedy, exigindo, além da promessa de não-agressão a Cuba, a remoção dos mísseis de médio alcance Júpiter, que os Estados Unidos possuíam na Turquia, a uma distância quase tão próxima das cidades soviéticas, quanto os mísseis de Cuba estavam das cidades norte-americanas.

Kennedy ordenou que suas forças militares se preparassem para atacar Cuba na segunda-feira, dia 29. Em uma estratégia arriscada, fingiu não ter recebido a segunda carta de Krushev e aceitou o acordo proposto na primeira carta. No dia 28 de outubro de 1962, dissipou-se a ameaça de guerra nuclear e um alívio mundial foi sentido. Krushev anunciou na rádio de Moscou que havia aceitado a proposta de Kennedy e ordenou a retirada dos mísseis de Cuba. Em um acordo secreto, os mísseis Júpiter norte-americanos seriam retirados da Turquia após seis meses. Estava, finalmente, enterrada a possibilidade de um confronto nuclear por causa de Cuba.

O acordo, feito sem a consulta ao governo cubano, deixou Fidel ao mesmo tempo irritado com os soviéticos e aliviado com o desfecho da crise. Ele sabia que teria a tranquilidade para continuar implantando suas reformas, mas sabia também que poderia ter conseguido um acordo bem melhor para Cuba. Demonstrando sua insatisfação, Fidel proibiu que os Estados Unidos inspecionassem a retirada dos mísseis em território cubano e fez cinco exigências, entre elas o fim do bloqueio econômico e a devolução da base naval de Guantánamo, mas aceitou, com algumas resignações, o acordo entre Estados Unidos e União Soviética. Sobre a possibilidade de se apoderar dos mísseis soviéticos em Cuba, ele disse posteriormente:

“... tínhamos quase 300 mil homens armados. Tínhamos o controle do país, e ninguém teria retirado um só foguete se tivéssemos decidido isso, mas teria sido uma verdadeira loucura, não tinha sentido aquilo. Mas o que não autorizamos foi a inspeção, nada disso, protestamos, expressamos nosso desacordo, fizemos as cinco

O que restava a Fidel era apenas protestar. Entrar em conflito com outra potência mundial teria sido demais para o comandante. Houve um desgaste na relação Havana-Moscou, mas a União Soviética se tornaria o principal parceiro econômico e militar de Cuba até a dissolução do bloco socialista e o fim da União Soviética em 1991. Nos Estados Unidos, a operação Mongoose foi cancelada e as ações contra o governo de Fidel Castro se concentrariam no campo econômico e na política internacional. Essa política se mostraria muito mais eficiente que as tentativas de invasão armada.

1 Discurso proferido no cemitério Colón, no dia 16/04/1961. Fonte: <http://www.horadopovo.com.br/2006/abril/19-04-06/pag6e.htm>.

2 RAMONET, Ignacio. *Fidel Castro: Biografia a Duas Vozes*. ob. cit.

3 SZULC, Tad. *Fidel: um Retrato Crítico*. ob. cit.

4 MÁO JÚNIOR, José Rodrigues. *A Revolução Cubana e a Questão Nacional (1868 – 1963)*, São Paulo: Núcleo de Estudos d'O Capital. ob. cit.

5 RAMONET, Ignacio. *Fidel Castro: Biografia a Duas Vozes*. ob. cit.

VIII

O fracasso em disseminar a revolução e a morte de Che Guevara

Após o desfecho da crise dos mísseis, foi dado, em Cuba, o último passo para transformar a ilha em um Estado Socialista. Durante um ano, de novembro de 1962 a outubro de 1963, foram realizados estudos que resultaram na segunda Lei de Reforma Agrária, que eliminaria os resquícios da burguesia rural que ainda resistia na ilha. O limite máximo de terra que qualquer pessoa podia possuir passou de 100 para 5 caballerías (67 hectares). A medida, além de colocar fim a qualquer privilégio rural e acabar com os últimos latifundiários, serviu para desapossar a base de apoio dos contrarrevolucionários em Cuba, que eram abastecidos pela pequena burguesia rural.

Enquanto que internamente Cuba se fechava em torno do governo revolucionário, externamente a ilha saía do domínio norte-americano para se tornar dependente da União Soviética nas relações econômicas. A burguesia cubana, que, em boa parte, havia fugido para os Estados Unidos, começava a se conformar em ter perdido seus bens. Teriam de reiniciar suas vidas em outro país. A disposição de Fidel em melhorar as condições de vida da população mais humilde já dava resultados nos campos da educação e da saúde, mas as grandes cidades cubanas davam claros sinais de degradação, com prédios e casas abandonados. Os veículos, alguns deixados para trás por seus ricos proprietários, eram corroídos pela ferrugem e pelo desuso, outros, confiscados, serviam como frota oficial do novo regime.

Cuba, no final de 1963, já era um país completamente diferente do que se via no final de 1958. Em cinco anos, Fidel conseguiu realizar mudanças profundas na ilha, mas nem todas bem aceitas, especialmente pela população das cidades, que era obrigada a grandes sacrifícios. Ao término da implantação do socialismo, Cuba esforçava-se para construir sua identidade e a grande maioria da população ainda apoiava incondicionalmente seu comandante-em-chefe. Entretanto, o desgaste do líder maior cubano já podia ser visto em pequenas insatisfações de quem mais o apoiava. Era impossível controlar tudo e todos ao mesmo tempo, mas Fidel continuava a transformação com algum progresso.

As mudanças em Cuba deixavam as elites dominantes dos demais países da América Latina em pânico. Uma verdadeira caça aos comunistas foi vista na região, com o incentivo e a supervisão dos Estados Unidos, que passaram a monitorar toda e qualquer ação considerada subversiva nesses países. Por Cuba ser uma ilha de recursos naturais escassos, Fidel sabia que, para não depender

exclusivamente do bloco soviético, precisava difundir sua revolução socialista por todo o continente. A China, que poderia ser um parceiro comercial importante, não estava mais alinhada com o pensamento de Moscou. Cada margem dos rios Ussuri e Amur, que dividem os dois gigantes, tinha uma interpretação distinta do que era o marxismo-leninismo e se empenhavam em mostrar que a sua interpretação era mais correta que a do seu vizinho. Cuba e Fidel tendiam a ficar do lado dos soviéticos.

A União Soviética não concordava com a ideia de uma luta armada para difundir o socialismo. Moscou preferia manter uma coexistência pacífica e concentrar sua estratégia socialista no campo político. Fidel precisava consolidar a economia cubana e assegurar sua sobrevivência política e, para isso, precisava do apoio soviético. Não podia contar com a ajuda chinesa, nem tinha como fazer a União Soviética apoiar-lhe em uma revolução armada direta, por isso teve de se resignar a abrandar seu discurso e alinhar-se oficialmente com a doutrina de Moscou. Todas as ações de caráter militar deveriam ser secretas e pensadas cuidadosamente. A lentidão carecia de paciência. Fidel a tinha, mas seu amigo Che Guevara não.

Che sabia que só uma revolução armada seria capaz de implantar o socialismo na América Latina, ia mais longe ainda e pensava em espalhar a revolução em todos os países oprimidos do mundo. O constante ataque nos discursos de Che à postura acomodada dos soviéticos criou uma rusga entre Fidel e ele. Nada muito sério, mas Castro, como líder cubano, não podia apoiar oficialmente a opinião de Guevara, mesmo que, pessoalmente, concordasse com ele. O destacado papel de Che na revolução e no exemplo de sacrifício pessoal depois dela, não permitia que Fidel o afastasse de suas atribuições no Governo, por isso, sentindo seu isolamento político, o próprio Che renunciou para poder seguir o caminho da revolução armada. Pareceu ser o melhor para os dois. Enquanto um lutaria abertamente contra o imperialismo, onde quer que ele se encontrasse, o outro poderia, oficialmente, manter a unidade cubana de acordo com o pensamento soviético no âmbito político e apoiar, extraoficialmente, as guerrilhas que surgiriam naturalmente.

Diferente de Che Guevara, Fidel Castro havia feito a revolução em seu país, era o responsável maior pela manutenção do que havia conseguido. Não poderia sair simplesmente para lutar em outro país, sabia que o povo cubano confiava seu futuro a seu líder maior e abandonar Cuba seria enfraquecer o regime e dar oportunidade aos norte-americanos de implantarem um governo capitalista de acordo com seus interesses. A dependência do regime soviético não permitiria uma ação direta cubana em apoio a grupos revolucionários dispostos a disseminar uma revolução socialista em seus países nos moldes da revolução cubana, entretanto, secretamente o apoio existia e sob as formas de treinamento e ajuda militar.

Os Estados Unidos não deixariam que uma nova revolução socialista acontecesse em sua área de influência maior, a América Latina, e adiantavam-se nas medidas para impedir qualquer tentativa revolucionária na região, especialmente no Brasil e na Argentina. Os norte-americanos sabiam que um levante socialista nesses países poderia desencadear uma onda de insurreições que espalharia o comunismo em todo o continente latino-americano, especialmente pela força do discurso desse regime sobre a população mais humilde. Assim, as passagens de Che Guevara pelos dois países foi vista com extrema preocupação por Washington que se aliou com os setores mais conservadores desses países para evitar o avanço socialista na região.

O exemplo cubano fazia a burguesia dos demais países latino-americanos se mobilizar como o nunca havia sido feito até então. Além dos camponeses, o que mais preocupava os norte-americanos e a burguesia desses países era a relativamente grande casta composta de operários de fábricas, com acesso aos meios de informação e mais suscetíveis à influência do discurso igualitário e de unidade nacional proposto pelo regime socialista. O exército, exemplo de uma instituição conservadora e reacionária por natureza, tornava-se a via mais indicada para controlar o avanço da propaganda socialista. Um governo militar seria capaz de impor a ordem e ditar as normas e políticas a serem seguidas pelo restante da população.

Os governos democráticos de Arturo Frondizi na Argentina e Jânio Quadros no Brasil foram vítimas do intervencionismo militar apoiado pelos Estados Unidos. Na Argentina, um golpe destituiu Frondizi para implantação de um governo aliado aos militares, que tomariam o poder definitivamente em 28 de junho de 1966, sob o comando de Juan Carlos Onganía Carballo. No Brasil, “forças ocultas” obrigaram Jânio a renunciar. A renúncia de Jânio Quadros não foi suficiente porque o vice-presidente João Goulart também possuía traços comunistas e, em primeiro de abril de 1964, um golpe militar implantaria um regime militar também no Brasil, sob o comando do general Humberto de Alencar Castelo Branco. Era mais fácil para os Estados Unidos controlar as diretrizes políticas de um regime militar e por isso passou a dar suporte a esse tipo de governo na América Latina.

O governo cubano sentia-se cada vez mais isolado no continente. Após os golpes militares, o termo comunista passou a ser sinônimo de subversivo ou terrorista nos países sob a ditadura militar e quem se enquadrasse nessa denominação era perseguido, preso, torturado ou exilado. As ausências de liberdades individuais, tão combatidas pelos norte-americanos no regime cubano, eram toleradas e apoiadas quando se tratava de defender os interesses do capitalismo nos países aliados. Fidel, que divergia publicamente de Che Guevara, o auxiliaria nas guerrilhas que o argentino pretendia espalhar pelo mundo. A primeira empreitada, entretanto, não seria no continente americano.

Em 1965, após discursar na 19ª Assembleia Geral da ONU, em Nova York, como representante cubano e afirmar que “... no momento em que fosse necessário, estaria disposto a entregar minha vida pela libertação de qualquer um dos países latino-americanos, sem pedir nada a ninguém, sem exigir nada, sem explorar ninguém...”¹, Che Guevara sumiu da cena mundial. Descobriu-se depois que ele havia se deslocado para a África, para disseminar a revolução socialista no Congo. As lutas pela libertação das colônias europeias na África vinha ao encontro do pensamento revolucionário cubano e uma frente pan-africana de libertação seria apoiada, secretamente, pelo regime de Fidel. Em 24 de abril de 1965, Che e outros 13 cubanos adentraram o território congolês no mais absoluto sigilo. Em pouco tempo, Fidel enviaria cerca de mais 130 homens para o treinamento do foco revolucionário e combate ao lado dos africanos.

A aventura na África não foi bem-sucedida, problemas de comunicação e de conduta dos congoleses, que muitas vezes desertavam ou simplesmente recusavam-se a lutar, tornaram o fracasso da empreitada inevitável. Após a renúncia dos principais líderes congoleses ao combate, Che Guevara se viu com apenas 13 companheiros cubanos e reconheceu, com tristeza, a liderança de Castro na campanha na Sierra Maestra: “Era um a mais do que Fidel tivera num certo momento (depois do desembarque do Granma), mas eu não era o mesmo líder”.² O governante cubano colocou o serviço secreto para proteger e retirar o guerrilheiro argentino e os demais cubanos do Congo em segurança. Um acordo entre Fidel Castro, as autoridades diplomáticas e de imigração dos Estados Unidos, a CIA e os mercenários nos arredores do lago Tanganyika pode explicar a relativa calma da retirada de Che e dos cubanos do Congo.

O fato é que Cuba e seu serviço secreto estavam por trás de vários movimentos revolucionários ao longo do mundo, seja com o envio de homens, seja com a contribuição logística e de inteligência. Em 1967, a Organização Latino-Americana de Solidariedade (OLAS) foi criada para ser o apoio de uma rede revolucionária no continente americano. Sua criação teve grande repercussão e despertou a expectativa de transformar Havana na cidade onde seriam formados milhares de revolucionários, especialmente latino-americanos e africanos.

Che Guevara não era o único, mas era o principal expoente da presença cubana nas guerrilhas pelo mundo. O fato de pertencer ao alto escalão do governo e ser amigo pessoal de Fidel tornavam o guerrilheiro o maior troféu para os Estados Unidos na guerra contra o comunismo. Após o fracasso da campanha no Congo, a próxima investida de Che seria na Bolívia. Em 03 de novembro de 1966, Che chegou disfarçado à Bolívia, de onde só sairia morto. Divergências com o comando do partido comunista boliviano deixariam o guerrilheiro isolado, sem poder contar com o apoio de Cuba e se deslocando apenas para poder sobreviver à verdadeira caçada promovida pelo governo boliviano, com o apoio

direto dos *rangers* dos Estados Unidos.

No dia 08 de outubro de 1967, o cerco se fechou e Che Guevara foi capturado na província de La Higuera, sudeste boliviano. No dia seguinte, foi assassinado pelo tenente Mario Terán com uma rajada de metralhadora. Seu corpo foi exposto a visita pública e depois mutilado e enterrado em local secreto. Sua morte encerrou o ciclo presencial do guerrilheiro nas revoluções mundiais, mas inaugurou o poder do mito em torno de seu nome. No final da década de sessenta, inúmeros protestos e manifestações ao longo do mundo traziam bandeiras com o rosto de Che Guevara como símbolo de guerrilheiro romântico.

Para Fidel Castro, a morte de Che Guevara foi um duro golpe por perder um dos maiores amigos e um homem que admirava, que seguiu seus passos levando o sonho realizado em Cuba para outros países. A tristeza pessoal, entretanto, se contrapôs com a conveniência para o líder cubano de ter um guerrilheiro diretamente ligado a Cuba não mais se envolvendo em conflitos internacionais. Era difícil desvencilhar a imagem dos dois guerrilheiros da Sierra Maestra e isentar Fidel das operações de Che na guerrilha. A União Soviética via na figura do guerrilheiro uma séria ameaça a seu programa de coexistência pacífica, além do que, o mito do guerrilheiro romântico era muito mais poderoso e capaz de causar mais estragos que a própria luta em vida de Che. Todos esses fatos geraram uma série de rumores sobre a conduta de Fidel na morte do amigo.

Para Daniel Alarcón Ramírez, mais conhecido como “comandante Benigno”, Fidel poderia ter tirado Che da campanha boliviana, mas preferiu abandoná-lo à própria sorte. Benigno foi um dos cinco guerrilheiros que sobreviveram ao fracasso da luta de Che na Bolívia, foi também seu companheiro no Congo e na Sierra Maestra, além de atuar como seu guardacostas em diversas oportunidades. Por conta desse “currículo” ao lado de Che, as acusações de Benigno contra Fidel tiveram uma grande repercussão quando do aniversário de 30 anos da morte de Guevara, porém não foram comprovadas.

Na esteira das acusações de Benigno, outras teorias conspiratórias foram desenvolvidas. Na análise da correspondência entre Fidel e Che, Castro realmente poderia ter enviado o guerrilheiro para a morte na Bolívia, mas não teria sido uma traição e sim um acordo mórbido entre os dois. Guevara havia convencido Castro de que lutar até a morte seria o melhor a fazer. Suas últimas cartas, em tom de despedida, parecem deixar claro que ele sabia que não voltaria com vida da empreitada revolucionária e o exemplo de sua morte seria a maior contribuição que poderia deixar ao regime de Fidel. Essa versão enaltece o caráter de guerrilheiro romântico e herói de Che Guevara, mas também carece de comprovação.

As razões que motivaram as teorias conspiratórias, por favorecerem politicamente a consolidação no poder do líder cubano, podem ser verdadeiras ou não, mas parece ser inegável a admiração pessoal de Fidel por Che. Durante toda

sua vida, em seus discursos, entrevistas, conversas, textos etc., sempre que mencionou o nome do guerrilheiro argentino, Fidel o fez com respeito e admiração. A perda do amigo, em qualquer circunstância que se tenha dado, marcou o ser humano dentro do comandante-em-chefe e o resumo de seus sentimentos pode ser visto em seu discurso no velório oficial de Che Guevara, para mais de um milhão de pessoas:

“Se quisermos expressar como desejamos que seja nosso combatente revolucionário, nosso militante, devemos dizer sem nenhum tipo de vacilação, que sejam como Che. Se quisermos expressar como queremos que sejam os homens, as futuras gerações, devemos dizer que sejam como Che. Se quisermos dizer como desejamos que sejam educadas nossas crianças, devemos dizer sem vacilação, queremos que sejam educadas no espírito do Che.”³

Toda a década de 1960 foi marcada por protestos e reivindicações, talvez inspirados no espírito revolucionário dos guerrilheiros cubanos. Os anos de 1968 e 1969 foram especialmente marcados por serem o ápice de grandes manifestações ao redor do mundo. Em Paris, em maio de 1968, os operários fizeram uma greve geral e os estudantes protestaram, enfrentando a polícia. Em um país capitalista desenvolvido, sem grandes problemas de exploração, foi curioso ler nos muros “É proibido proibir” ou “Amor e revolução andam juntos”. Na Tchecoslováquia, aconteceu, de abril a agosto de 1968, a Primavera de Praga, quando comunistas, liderados por Alexander Dubček, tentaram construir um socialismo humanista. Em uma operação militar surpresa, os soviéticos sufocaram a revolução em Praga e mantiveram o velho regime conservador e totalitário do Estado. Fidel apoiou, oficialmente, a ação soviética, o que causou a decepção de muitos jovens que o tinham como símbolo de revolucionário mundial.

A juventude mundial mobilizava-se no mundo inteiro contra abusos e se colocava especialmente ao lado dos operários, vistos como as maiores vítimas da exploração do homem pelo homem. Um exemplo dessa junção pôde ser visto na Argentina, em 1969, com o “Cordobazo”, quando operários e estudantes tomaram a cidade de Córdoba, em protesto contra o governo de Juan Carlos Onganía. Nos Estados Unidos, líderes negros como Martin Luther King e Malcolm X levantavam suas vozes contra o racismo. Os estudantes norte-americanos simpatizantes do socialismo protestaram contra a guerra ao povo comunista do Vietnã. Na China Popular, a Revolução Cultural mudava hábitos milenares. Na América Latina, inúmeros projetos de guerrilhas libertadoras, nos moldes da experiência de Che Guevara, ganhavam força.

Os Estados Unidos atuavam ativamente para sufocar os focos revolucionários ao longo do planeta e, precavidos com a experiência cubana, agiam de forma

eficiente para blindar a América Latina da influência comunista. No campo econômico, proporcionavam linhas de crédito com juros baixos e longos prazos, o que propiciou índices elevados de crescimento econômico nos países sob sua influência, ao custo de uma dívida externa de dimensões tão ou mais elevadas quanto o crescimento que foi proporcionado. O resultado foi uma estagnação nas décadas seguintes nesses países, mas foi eficiente como propaganda no momento mais crucial da Guerra Fria. No Brasil, esse período foi conhecido como “milagre brasileiro”, um período de grande crescimento na área econômica e pouca liberdade de expressão.

A influência da cultura estadunidense acentuou-se no cotidiano dos países latino-americanos. A música e os filmes norte-americanos passaram a fazer parte do cotidiano da vida da população desses países, quase sempre com uma propaganda anticomunista implícita na mensagem a ser passada. Até nas cartilhas escolares preceitos comunistas foram banidos e assuntos como a revolução russa ou a cubana não podiam ser ensinados, sob a pena de os professores serem considerados subversivos. O preconceito era explícito ou velado em frases negativas como “os comunistas comem criancinhas” e a “coisa está russa”.

No campo político, todo governo de esquerda na América Latina era combatido e o apoio a grupos de direita, especialmente os militares, era incentivado. Em 11 de setembro de 1973, deu-se o último dos grandes golpes militares apoiado pelos Estados Unidos na América Latina, quando o presidente chileno, Salvador Allende, foi morto no palácio presidencial resistindo ao golpe do general Augusto Pinochet. Trechos de seu discurso final resumem o que foi a política norte-americana para a região nos anos 1960 e 1970:

“Neste momento definitivo, o último em que eu poderei dirigir-me a vocês, quero que aproveitem a lição: o capital estrangeiro, o imperialismo, unidos à reação, criaram o clima para que as Forças Armadas rompessem sua tradição, que lhes ensinara o general Schneider e reafirmara o comandante Araya, vítimas do mesmo setor social que hoje estará esperando com as mãos livres reconquistar o poder para seguir defendendo seus lucros e seus privilégios...

Dirijo-me ao homem do Chile, ao operário, ao camponês, ao intelectual, àqueles que serão perseguidos, porque em nosso país o fascismo está há tempos presente; nos atentados terroristas, explodindo as pontes, cortando as vias férreas, destruindo os oleodutos e os gasodutos, frente ao silêncio daqueles que tinham a obrigação de agir. Estavam comprometidos. A História os julgará.

... Superarão outros homens este momento cinzento e amargo em que a traição pretende impor-se. Saibam que, antes do que se pensa, de novo se abrirão as grandes alamedas por onde passará o homem livre, para construir uma sociedade melhor. Viva o Chile! Viva o povo! Viva os trabalhadores! Estas são minhas últimas palavras e tenho a certeza de que meu sacrifício não será em vão. Tenho a certeza de que, pelo menos, será uma lição moral que castigará a perfídia, a covardia e a

traição.”⁴

Com a morte do amigo Allende, Fidel sepultou de vez o sonho de ver outro país latino-americano seguir os passos do socialismo. A política externa cubana, de apoiar secretamente regimes ou revoluções de caráter socialista, continuou ativa, mas não com a mesma força que tivera nos anos 1960. A prioridade e preocupação maiores do líder cubano eram com política e educação internas. A intensa dependência do bloco soviético preocupava Fidel e era preciso reduzi-la. Em pouco tempo descobriria que isso não seria possível.

1 Extraído do site: <http://culturabrasil.org/discursoche.htm>.

2 ANDERSON, Jon Lee. *Che Guevara, uma Biografia*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997.

3 ANDERSON, Jon Lee. *Che Guevara, uma Biografia*. ob. cit.

4 Extraído do link: <http://www.vermelho.org.br/base.asp?texto=43196>.

IX

Vivendo sob a influência da União Soviética

Os caminhos tomados por Fidel, após a implantação do regime socialista, deixaram a ilha completamente dependente da União Soviética. O embargo econômico norte-americano, o fracasso das revoluções socialistas em outros países latino-americanos e a crise sino-soviética, fizeram de Cuba quase um território soviético. Entretanto, a exclusividade comercial era bem recompensada pela União Soviética que pagava valores acima do mercado pelos produtos cubanos, especialmente a cana-de-açúcar, que ainda tinha a garantia de compra de toda sua produção voltada à exportação.

O regime de Moscou se tornou um verdadeiro “pai” para Cuba e Fidel soube aproveitar-se bem das vantagens de se ter um país rico e mais desenvolvido como parceiro. Entre 1959 e 1965, a produção industrial expandiu-se em 50% na ilha, a safra de açúcar aumentou, inúmeros acordos de cooperação com os soviéticos propiciaram significativos avanços nas áreas de saúde e tecnologia. Os índices sociais melhoravam sensivelmente e a autoestima da população estava em alta. As vantagens de uma economia planificada, associadas à ajuda soviética, ao carisma de Fidel e ao esforço da população, provocaram um desenvolvimento da sociedade cubana nunca antes visto, sobretudo na comparação com o desemprego, a fome e a miséria que assolavam outros países latino-americanos.

Em 1961, Che Guevara previu que Cuba se tornaria um país industrializado em 12 meses. As precariedades da economia cubana, totalmente dependente da produção de cana-de-açúcar, tornavam essa projeção utópica. A estratégia de Fidel, entretanto, visava extrair o máximo da tecnologia soviética para adaptá-la à estrutura industrial de Cuba. Ele tinha, a seu lado, uma superpotência disposta a fazer da ilha um exemplo de desenvolvimento socialista ao lado do maior país capitalista do mundo e rodeada de países capitalistas subdesenvolvidos, geralmente explorados pelo capital norte-americano, como era Cuba antes da revolução.

A vontade de Fidel, entretanto, esbarrava na burocracia soviética. A péssima gestão dos recursos e o desperdício apareceram desde os primeiros dias da revolução. Tratores impróprios para o corte de cana-de-açúcar, pastas de dente que endureciam rapidamente e uma série de outros produtos, não adaptados ao modo de vida de uma ilha tropical, eram exemplos de produtos vindos da União Soviética que traziam mais trabalho que benefícios. A demora em se conseguir

recursos de Moscou também ajudava a frear o crescimento cubano.

A ajuda econômica soviética, mesmo com seus problemas burocráticos, foi fundamental para os planos de Fidel e sem ela dificilmente o governante teria conseguido se manter no poder. Com ela, conseguiu atingir índices expressivos de desenvolvimento social e econômico para os padrões pré-revolução. O tamanho dessa ajuda, mais de um milhão de dólares por dia, pode ser expresso em números: 40% do comércio exterior de Cuba, nos anos 1960, era com a União Soviética e 95% do petróleo utilizado na ilha era oriundo da mesma fonte. Os soviéticos ainda eram responsáveis pela compra de cerca de 79% de todo o açúcar vendido por Cuba, seu principal produto de exportação. O preço pago pelo açúcar era 214% maior que o pago na época em que Cuba vendia aos norte-americanos. Toda essa ajuda deixava o governo cubano completamente dependente da União Soviética que se sentia no direito de interferir em muitos setores cubanos, desde a economia, política até na cultura e esportes.

Fidel queria uma ilha com capacidade de se gerir economicamente e para isso precisava reduzir a dependência dos soviéticos. Numa iniciativa ambiciosa, estabeleceu uma meta para a produção de cana-de-açúcar na safra de 1970: 10 milhões de toneladas. O empenho serviria para reduzir o déficit com a União Soviética e propiciar condições para o desenvolvimento de projetos exclusivamente cubanos. A convocação da população mostrou-se equivocada e inoportuna. Mais de 400 mil cubanos foram mobilizados para a colheita de 1970. Jovens saindo das escolas, donas de casa e, principalmente, operários foram mobilizados para esse esforço, alguns inclusive a contragosto. O resultado prático foi uma enorme paralisação na indústria e a meta não alcançada em uma safra de cerca de 8,5 milhões de toneladas.

Após o fracasso da safra de 1970, Fidel teve de se contentar em aceitar as imposições soviéticas na economia e na política cubana e se esforçar para continuar o (esse sim bom) trabalho que vinha realizando no campo social. A alfabetização sempre foi uma de suas prioridades à frente do governo cubano. Desde a criação das Brigadas Conrado Benítez, o governante esforçava-se para erradicar o analfabetismo da ilha. Com o intuito de tornar acessível a leitura de grandes obras e grandes autores, Fidel instituiu o que chamou de “fuzilamento” dos livros, ou seja, a tradução de obras estrangeiras, em larga escala, sem o pagamento de direitos autorais. Justificava sua medida dizendo que o conhecimento deveria ser universal e disponível a todos.

O resultado da campanha contra o analfabetismo promovida por Fidel resultou num significativo aumento no número de professores e alunos nas escolas. Nas décadas de 1960, 1970 e 1980 todas as crianças em idade escolar estavam sendo educadas. Antes da revolução, quase metade dessas crianças não recebia nenhuma instrução. Já no final da década de 60 e começo da década de 70 quase dois milhões de alunos e 79 mil professores estavam matriculados ou dando aulas

nas escolas primárias, em comparação com os 720 mil alunos e 17 mil professores de antes da revolução. Os investimentos na formação dos professores e o acesso a obras clássicas transformavam a qualidade da educação cubana numa das melhores da América Latina.

O progresso no campo da educação fez Fidel afirmar, ainda em 1960, que Cuba teria um nível de vida comparável ao da Suécia antes de 1965. No ano seguinte, entretanto, foi introduzido, na ilha, um drástico racionamento de comida e de roupas. O embargo econômico norte-americano foi, sem dúvida, o principal responsável por esse racionamento. Todos os cubanos tinham direito a uma quantidade *per capita* de determinados produtos contidos na “libreta”, uma espécie de lista. Quem quisesse comprar mais do que o permitido pagaria um preço muito mais caro. Um maço de cigarros, por exemplo, fora da “libreta” saía dez vezes mais caro, entretanto, crianças até sete anos de idade e idosos acima dos 65 anos tinham assegurados o direito a um litro de leite por dia. Essa era a maneira como Fidel enfrentava a crise. Embora presente, o racionamento não castigava demais a população, algumas pessoas até tinham acesso a mais alimentos que antes da revolução.

“... poucos morrem por subnutrição, e no campo, principalmente na província do oriente, os camponeses mais pobres devem estar melhor alimentados que antes da revolução... O desemprego, sem dúvida, tem diminuído, apesar da recente participação na economia de muitas mulheres que antes se limitavam às atividades domésticas...”¹

Uma das melhores maneiras para se conseguir uma alimentação melhor, além de um grande reconhecimento, era o esporte. O governo de Fidel transformou todo o esporte cubano em amador e voltado para resultados. Assim, o público não pagava para assistir jogos de beisebol, grande paixão nacional, e os atletas recebiam treinamento de ponta. Muitos técnicos e aparelhagens soviéticas chegaram a Cuba, que passou a ter uma equipe olímpica respeitada no mundo inteiro. Os primeiros resultados já apareceram com o 2º lugar geral conquistado nos jogos pan-americanos do México em 1975.

No campo habitacional, Fidel havia impedido que os cubanos possuíssem mais de uma moradia, entretanto, esforçava-se para que todo cubano tivesse ao menos uma casa para morar. O Estado organizou micro-brigadas de trabalhadores e passou a fornecer o terreno e a matéria-prima para a construção (inclusive arquitetos e engenheiros). Os mutirões foram responsáveis pela construção de muitas casas em Cuba que eram simples, porém decentes. A determinação de Fidel em criar condições para que todos possuíssem uma moradia digna pode ser medida na afirmação:

“Enquanto houvesse um só Bohio (casebre) em Cuba, a revolução não mereceria este nome.”²

Inúmeros avanços em indicadores sociais ajudavam a promover o governo de Fidel, mas a propaganda não chegava nos países latino-americanos, blindados contra notícias vinda de Cuba. Ainda assim era importante a maior expectativa de vida da América Latina, que no final da década de 70 era de 69,2 anos, bem superior se comparada com os 45,3 anos na Bolívia, 58,5 na Colômbia, 59,7 no Brasil e 60,6 no Chile. A renda *per capita* era a 2ª maior da América Latina (1.578 dólares, em 1973), perdendo apenas para a Venezuela, que tinha na abundância do petróleo sua fonte maior de renda.

As medidas mais polêmicas de Fidel à frente do governo cubano foram a criação de um partido único em Cuba e a censura aos meios de comunicação. Embora o caráter socialista da revolução cubana tenha se tornado público em 1961, o Partido Comunista Cubano estabeleceu-se apenas em 1965 e, demonstrando toda sua característica burocrática, teve seu primeiro congresso reunido somente em 1975. Qualquer outro partido político foi proibido de se estabelecer em Cuba e quem não estivesse alinhado com o pensamento e a doutrina do Partido Comunista Cubano corria o risco de ser considerado um traidor da revolução e um inimigo de Cuba. A pena poderia ser a morte. Muitos inimigos da revolução foram executados, embora se deva fazer a ressalva de que tiveram a chance de se defender verdadeiramente, algo que não acontecia no governo de Batista.

Mesmo com a garantia de uma defesa justa, não havia quem levantasse a voz contra Fidel de forma a ameaçá-lo ou a fazer uma oposição sequer branda. Quem quisesse propor um novo caminho a Cuba teria de ter a ajuda da imprensa, como foi o caso do próprio Fidel quando da oposição a Batista. Havia no entanto um “pequeno” problema: os órgãos de imprensa eram controlados por Castro, que permitia que divulgassem o que quisessem desde que não fosse nada que pudesse colocar em risco o desenvolvimento do novo regime. Os órgãos de imprensa, por serem uma concessão do Estado, deveriam trabalhar junto com o Estado em prol do povo cubano. Falar contra o novo regime seria um desserviço que estariam fazendo e isso o Estado não permitiria.

Sem uma oposição de peso ou uma imprensa que pudesse apontar os eventuais erros das reformas em curso, a burocracia foi tomando conta do Estado cubano e impossibilitando um avanço maior em Cuba, especialmente no que tangia a uma saída da dependência soviética. Fidel chegou a criticar essa burocracia, que muito se assemelhava à burocracia do Partido Vermelho na União Soviética, mas ela estava tão enraizada nos vários níveis governamentais cubanos que não tinha como eliminá-la. Tentou em 1975 estabelecer o “poder popular” num anteprojeto constitucional, promovendo, inclusive, eleições experimentais para

“assembleias municipais” na província de Matanzas. Porém, por todos os candidatos serem ligados ao Partido Comunista Cubano, as eleições se constituíram quase que numa farsa.

Os anos 1980 se caracterizaram por uma grande crise no comunismo mundial. A União Soviética sucumbiu à sua própria burocracia e se viu obrigada a promover uma abertura gradativa, conhecida como Perestroika (abertura) e Glasnost (transparência), no governo de Mikhail Gorbachev, em 1985. O resultado dessa política foi a dissolução da União Soviética em 1991. O desmoronamento do principal parceiro comercial foi um duro golpe para o governo cubano e especialmente uma dor de cabeça enorme para Fidel Castro. Em uma breve passagem pelo Brasil, em 1990, o comandante-em-chefe cubano concedeu uma entrevista ao programa Roda Viva, da TV Cultura. Em um dado momento, questionado da morte das ideologias, em especial da socialista, Fidel responde:

“... as ideias das revoluções que avançaram e retrocederam, hoje são as ideias que prevalecem. Há ideias que são eternas. A da dignidade do homem, da liberdade do homem. E elas não existiram sempre, foram surgindo. E cada uma delas irá deixando o melhor. Então nunca faltará a ideologia. Nunca sobrará (...) para nós, a ideologia. A solução dos problemas de que falamos, a divisão equitativa da riqueza, para nós é um sonho que o homem tenha, trabalhe segundo sua capacidade e receba segundo sua necessidade. Isso é o comunismo, não é o socialismo. Estamos na etapa socialista – que o homem trabalhe segundo sua capacidade e receba segundo seu trabalho, porque temos a diferença salarial.”³

No final da década de 1980 e início da década de 1990, Fidel já preconizava o fim da União Soviética e começava a preparar Cuba para novos tempos, sem a ajuda da superpotência. Analistas do mundo inteiro previam o final do regime de Castro em Cuba, ou a sua transição para o capitalismo, uma vez que seria impossível manter o regime socialista na ilha sem a ajuda financeira da União Soviética. Seria impossível viver sob o embargo norte-americano, sem ter um aliado forte a seu lado. Fidel não teria como manter seu regime, mas impossível sempre foi uma palavra de sentido duvidoso para o líder cubano, que imporia a seu povo novos e maiores sacrifícios para a manutenção do regime.

Para os que diziam que o governo cubano só sobrevivia graças à ajuda soviética, Fidel provaria que ele sempre sobreviveu graças à força do povo cubano. O capítulo final dessa história estaria por vir na mais desgastante das batalhas que o comandante enfrentaria em sua vida e já sem o ímpeto de sua juventude.

¹ THOMAS, Hugh. *Cuba, la Lucha por la Libertad*. Madri: Debate, 1971.

2 MORAIS, Fernando. *A Ilha: um Repórter Brasileiro no País de Fidel Castro*. São Paulo: Alfa-Omega, 1980.

3 Extraído do link

http://www.rodaviva.fapesp.br/materia/1/entrevistados/fidel_castro_1990.htm.

X

Seguindo sozinho

Após o desmoronamento da União Soviética em 1991, Cuba se viu ainda mais isolada no cenário mundial. A China, desde a opção cubana pelo caminho soviético, havia se afastado definitivamente das relações comerciais com a ilha. A Rússia, maior dos países do bloco soviético, continuaria a manter relações com Cuba, porém, envolta em seus próprios problemas, reduziu drasticamente o comércio e cortou qualquer tipo de ajuda financeira à ilha. As opções de Fidel estavam se esgotando e era preciso uma atitude para não deixar seu país afogar-se numa crise sem precedentes.

Os Estados Unidos, vendo a disposição do líder cubano em manter seu regime, reforçaram o embargo econômico contra Cuba. Em 1992, foi criada a Lei Torricelli, ou Cuba Democracy Act, proibindo as subsidiárias de empresas norte-americanas, localizadas no exterior, de comercializarem com Cuba. A Lei instituiu, também, uma punição para comerciantes e para países que fornecessem qualquer tipo de subsídio para o regime de Castro. A Lei ainda previa a limitação do número de autorizações para turistas norte-americanos viajarem para a ilha. O intuito era continuar a pressão para a implantação de um novo regime em Cuba, mais democrático e sem a presença de Fidel.

Durante quatro anos, de 1991 a 1994, a economia cubana entrou em colapso. As exportações diminuíram 67%, e as importações, 73%. As trocas com os países que formavam a antiga União Soviética despencaram 49%. Com escassos recursos naturais e uma indústria ultrapassada, Cuba não possuía divisas conversíveis para o comércio internacional. A renda *per capita* que estava em torno de 1.852 dólares, em 1989, caiu para cerca de 1.160 dólares, em 1993. Com o embargo funcionando mais duramente, faltaram inúmeros produtos de primeira necessidade e a fome assolou verdadeiramente a população. Uma técnica de pesca, usando cloro para se conseguir uma maior quantidade de peixes, envenenou as águas do mar caribenho, causando um desastre ecológico. O desespero imperava. Em meio à crise, Fidel desabafou, durante um discurso em 1993:

“O socialismo devia ser aperfeiçoado, mas jamais devia ser destruído; jamais se devia presentear o imperialismo ianque com a hegemonia mundial como se presenteou, sem disparar um tiro.”¹

Não tendo mais como manter essa situação em Cuba, Fidel encontrou um meio-termo em seu regime e abriu mão da propriedade coletiva dos bens de produção, em prol de associações com empresas de capital estrangeiro. Era a volta da propriedade privada nas mãos de empresas estrangeiras. O líder cubano permitiu ainda que os cidadãos cubanos abrissem contas em moedas conversíveis nos bancos nacionais, sem necessidade de comprovação da origem do dinheiro. A medida visava legalizar e, claro, tarifar a entrada das remessas de dinheiro, mandadas por exilados, aos parentes cubanos, cerca de 800 milhões de dólares por ano.

As *joint ventures*, ou associações com empresas estrangeiras, ajudaram a amenizar a crise e a recuperar a economia. O principal setor da economia a ser beneficiado foi o do turismo. Tendo nos espanhóis seus maiores parceiros, Fidel apostou no óbvio, explorar a beleza natural da costa caribenha cubana. O resultado foi tão positivo que Cuba passou a receber mais turistas que o Brasil, por exemplo, e todos pagando em dólares. A enxurrada de moeda estrangeira, num primeiro momento, desestabilizou a economia interna cubana, uma vez que os salários cubanos em outros setores (não dolarizados) eram irrisórios perto dos salários em dólares. O governo teve de tomar medidas para restringir o uso de moeda estrangeira por parte dos cubanos na ilha.

Além dos espanhóis, muito presentes no setor do turismo, o Canadá, no campo da mineração, a Itália, nas telecomunicações e até o Brasil, na indústria do tabaco e petrolífera, tornaram-se importantes parceiros comerciais de Cuba. A entrada de divisas estrangeiras, através de associações ou do envio de remessas por parte dos exilados, conseguiu deter a crise da economia e promover a retomada do crescimento, que chegou a 6% em 1998 e algo em torno de 7,2% em 1999.

Embora atrasada tecnologicamente, Cuba possuía alguns atrativos aos investidores estrangeiros, como uma mão-de-obra relativamente barata e altamente qualificada, em comparação a outros países da região. Uma alta carga de escolaridade com nove a dez anos de estudo em média e com abundância em técnicos de nível médio e profissionais com nível universitário garantia a qualificação do trabalhador cubano. Havia ainda um clima de relativa tranquilidade social, com trabalhadores motivados e a ausência de conflitos trabalhistas. Os riscos de fraude e de corrupção, como pagamento de propinas para que os negócios acontecessem, praticamente não existia.

O governo cubano também oferecia vantagens às empresas que quisessem se associar a ele, como a livre remessa de lucros dos sócios estrangeiros para o exterior, bem como de parte dos vencimentos dos trabalhadores não cubanos (para os cubanos as regras eram mais rígidas). Fidel ainda isentou o imposto de renda e os encargos sociais para as empresas durante o tempo estabelecido em cada contrato, além de fornecer instalações a preços abaixo do mercado. A

criação de zonas francas e parques industriais e também a permissão para atividades privadas na agricultura foram outras importantes medidas do líder cubano para atrair o capital estrangeiro e recuperar a economia da ilha.

Os Estados Unidos, vendo que Castro não recuaria, criou mais uma lei restritiva para isolar ainda mais Cuba. A Lei Helms-Burton estabelecia que empresas e cidadãos de outros países, que mantivessem negócios com Cuba, ficariam proibidos de operar nos Estados Unidos ou de venderem seus produtos dentro do mercado norte-americano. Na prática, a Lei surtiu pouco efeito, uma vez que a restrição a Cuba já era enorme. Com o passar dos anos, especialmente após a virada do século, os Estados Unidos começaram a afrouxar o embargo econômico e dar sinais de uma aproximação, por ver que o governo de Fidel estava naturalmente chegando ao fim. O tempo era um inimigo que o líder cubano não poderia vencer.

O século XXI se iniciou com Fidel já debilitado pela idade. Além de ter de cuidar de seu país, o líder cubano se viu obrigado a cuidar de sua saúde. Como as decisões eram centralizadas em sua pessoa, viu-se muitas áreas serem deixadas de lado e não funcionarem plenamente como na época em que o comandante-em-chefe agia com mãos firmes. Raúl Castro passou a assumir interinamente o governo toda vez que Fidel passava por algum problema de saúde. Em junho de 2001, ele desmaiou durante um ato público nos arredores de Havana. Em 20 de outubro de 2004, Fidel fraturou o joelho esquerdo e teve uma fissura no braço direito, após um discurso em Santa Clara. Em 31 de julho de 2006, a TV estatal de Cuba anunciou que Fidel fora submetido a uma cirurgia de urgência após uma crise intestinal.

Os constantes afastamentos ou sumiços da cena pública de Fidel geravam uma incerteza na população e atrapalhavam o desenvolvimento do país. O crescimento econômico estancou e a crise ameaçou voltar a rondar a ilha. A economia cubana sempre foi dependente do açúcar, mas desde o fim da União Soviética a produção açucareira foi sofrendo quedas ano a ano até que, em 2002, para adequar a produção aos baixos preços do açúcar na época, Fidel deixou em atividade apenas 85 engenhos dos 156 existentes até então. A produção, que em 1990 foi de 8,4 milhões de toneladas, chegou a 1,3 milhões de toneladas em 2006. Uma nova convocação à população para a produção de 10 milhões de toneladas soaria, nesse começo de século, como algo irreal e até cômico. A população que sempre esteve a seu lado diria que o líder estaria ficando senil.

É claro que Fidel não faria essa convocação. Mesmo aos 81 anos e com o corpo debilitado, o líder cubano estava lúcido quando, em 19 de fevereiro de 2008, renunciou à presidência de Cuba e abriu espaço para que reformas mais profundas pudessem ser postas em prática no país.

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u373737.shtml>.

XI

O ocaso de um líder

Fidel Alejandro Castro Ruz manteve sempre aceso o ideal revolucionário dentro de si. Preocupou-se desde cedo com o bem-estar de seu povo e lutou contra a injustiça, a opressão de governantes corruptos e a exploração norte-americana na ilha. O jovem que entrou triunfante pelas ruas de Havana no raiar do ano de 1959 parecia indestrutível. Emblemático, carregava a esperança de toda uma nação oprimida e a ela dedicaria seu tempo, sua vida e sua revolução.

A figura histórica parecia não caber dentro do corpo físico de Fidel. Ele atraía a atenção de todo um mundo ansioso de mudanças que se questionava e questionava costumes, doutrinas e governos. Representava uma ameaça à burguesia e a todos os detentores de poder, invariavelmente reacionários e ávidos por se manter nele. Era a personificação de todos os jovens revolucionários no mundo, a começar pelo mais famoso deles, Che Guevara, que viam o sonho de derrubar uma ditadura corrupta, apenas com a força de suas ideias e a determinação de sua alma, tornar-se possível. Era capaz de desafiar, a poucos quilômetros, a maior potência bélica mundial sem retroceder. Poderia ser destruído facilmente, mas manteve-se ali, firme, desafiador e incólume.

O papel de herói que lhe foi impingido era muito forte, forte demais para um homem carregar. Era impossível para Fidel corresponder a todas as expectativas e a frustração de seus admiradores. Com os anos, foi se consolidando, reduzindo o grande líder a uma polêmica e, pior ainda, com mais críticos que seguidores. Se seu legado tivesse sido iniciado nos anos 1960, certamente Fidel seria considerado um dos maiores líderes do século XX, seria cultuado em bandeiras por revoluções ao longo do mundo, ao lado do rosto de Che Guevara. O desgaste à frente de um regime autoritário e polêmico tirou o brilho da figura heroica e expôs a face de um ditador que muitos não queriam ver e que ele próprio recusava aceitar.

Os inimigos sempre foram poderosos e isolaram Fidel em sua luta extenuante. Porém, sem nunca retroceder, enfrentou a tudo e todos e promoveu profundas mudanças em Cuba. A União Soviética assumiu o posto até então pertencente aos Estados Unidos e tornou-se o principal aliado político e econômico de Cuba. Castro conduziu esse processo com mão de ferro e dividiu opiniões. Ele desapropriou terras, tirou a propriedade de pessoas que trabalharam anos para consegui-las, proibiu os cubanos de deixarem a ilha para fins de turismo, censurou órgãos de imprensa contrários à sua opinião, perseguiu, inclusive com a

pena de morte, inimigos políticos e impôs um duro racionamento de bens essenciais à população cubana.

A maioria do povo cubano sempre esteve a seu lado, inclusive nos momentos mais difíceis de guerra e de fome, e quanto mais humilde, mais disposto a lutar por Fidel estava o cidadão de Cuba. Em troca, o comandante-em-chefe lhes estendeu a mão e lhes deu voz. Hospitais, escolas, médicos e professores qualificados estavam finalmente ao alcance de suas famílias, gratuitamente. Dentro da realidade daquelas pessoas era mais do que qualquer outro governante jamais havia feito. Eles não possuíam mais que uma casa simples, quando possuíam, não tinham condições econômicas de viajar para fora do país, não liam jornais e, principalmente, gostavam de Fidel. Para essas pessoas o regime representou um avanço e mais, representou saber o que é ter dignidade.

O isolamento de Cuba da economia mundial, a dependência da União Soviética e a falta de uma oposição interna parecem ter condenado Fidel a também viver afastado, mas numa prisão criada dentro dele mesmo, voltada para atender e controlar todos os passos de seu país. A revolução feita por ele foi espetacular, o modo como defendeu seu país contra inimigos muito mais poderosos foi espetacular, a mobilização que conseguiu extrair da população cubana com sua oratória e seu exemplo foi espetacular. Porém, ao tentar se tornar onisciente e onipresente sucumbiu à sua óbvia condição de ser humano passível de falhas e impôs a seu povo um governo contestável. Bom ou ruim e até ótimo ou péssimo, dependendo do ponto de vista, mas, e até por isso, longe de ser espetacular.

Fidel foi combatido desde a adolescência, enfrentou guerras de peito aberto, foi preso, torturado, sofreu inúmeros atentados contra sua vida, mais de 600 tentativas, segundo um documentário britânico de 2006 (*638 Ways to kill Castro*), mas nunca teve medo de enfrentar seu destino. Se a História o absolverá ou não, só o tempo dirá, mas se existe um herói incontestável nessa fusão de mais de 50 anos do comandante com Cuba é o povo cubano. A força e o sacrifício com que a população cubana enfrentou as maiores adversidades é digna de registro. Fidel Castro personifica o lado guerreiro e ativo dessa nação que se orgulha do seu país, em qualquer condição que ele esteja e acredita sempre num futuro melhor.

Os erros à frente do governo e o sacrifício que impingiu a seu povo, seja sob a forma de exílio, de racionamento de alimentos, de perseguições, de privações etc. fez de Fidel uma figura contestável, amada e odiada. Se perguntarem à população porque aguentaram tanto sofrimento, provavelmente obterão a resposta: “Porque somos cubanos”. E a resposta sairá de cabeça erguida e voz firme. A verdadeira revolução não pode ser vista e o maior legado deixado por Fidel não foi o socialismo em uma pequena ilha caribenha, foi ter despertado uma nação que se descobriu forte e orgulhosa.

“Os homens passam, os povos ficam; os homens passam, as ideias ficam.”¹

Com a dissociação das imagens de Fidel e Cuba, um novo país surgirá. Talvez os milhares de exilados voltem para reconstruir uma nova nação, mais moderna, cheia de sonhos e esperanças. Talvez voltada para o capitalismo e com muitas oportunidades, Cuba sofra uma nova revolução. A festa será transmitida ao vivo e empresas darão novas oportunidades de emprego aos cubanos, que receberão salários compatíveis aos do resto do mundo. O som das músicas e das comemorações será ouvido nos quatro cantos da ilha, sufocando o choro dos mais humildes que talvez ainda sintam saudades do tempo em que tiveram voz.

¹ Frase proferida por Fidel em 20 julho 1996. Extraída do site:
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u373737.shtml>.